

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**“A SEXUALIDADE EM CARTILHAS EDUCATIVAS OFICIAIS:  
UMA ANÁLISE CULTURAL”**

**Acadêmico: Tiago Fernandes Vianna**

**Orientador: Leandro Belinaso Guimarães**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do Título de Bacharel em Ciências  
Biológicas.

Florianópolis, Junho de 2008.

## SUMÁRIO

<b>Lista de figuras</b>	<b>III</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>IV</b>
<b>Resumo</b>	<b>VI</b>
<b>1. Trajetórias de um professor que se viu pesquisador</b>	<b>7</b>
<b>2. A importância das cartilhas</b>	<b>21</b>
<b>3. A busca pelo objeto de estudo</b>	<b>29</b>
<b>4. Explorando as cartilhas</b>	<b>33</b>
4.1. Apresentando os corpos	47
<b>5. Conclusões e perspectivas</b>	<b>63</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	<b>66</b>
<b>7. Anexos</b>	<b>69</b>
7.1. “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” (cartilha A)	70
7.2. “Doenças sexualmente transmissíveis” (cartilha B)	94

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da cartilha “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” (cartilha A)	30
Figura 2: Capa da cartilha “Doenças sexualmente transmissíveis” (cartilha B)	30
Figura 3: Verso da cartilha A	32
Figura 4: Verso da cartilha B	36
Figura 5: Tópico destacado “AIDS – ASSIM PEGA” – Cartilha B, p. 17	38
Figura 6: Cid Camisinha e Lili Espermaticida	39
Figura 7: Lembrete destacado do texto	40
Figura 8: Páginas 3 e 4 da cartilha “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” (cartilha A)	45
Figura 9: Exemplo de Figura usada em livros didáticos de Biologia – Retirado do livro “Biologia dos Organismos” (AMABIS, 2004)	49
Figura 10: Páginas 3 e 4 da cartilha “Doenças sexualmente transmissíveis” (Cartilha B)	50
Figura 11: Imagem referente aos sintomas do Candiloma Acuminado Cartilha A, p. 17	55

## AGRADECIMENTOS

Apenas quem acompanhou minha trajetória dentro da UFSC tem a noção exata do que representa para mim, entregar a versão final do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Não foi fácil chegar a esse ponto, mas também não foi muito difícil. Após aprovações, reprovações, algumas notas dez, algumas notas zero, algumas inimizades e, principalmente, muitas e fortes amizades, posso dizer que o caminho por mim trilhado foi suficientemente completo e que posso, finalmente, me sentir “formado”.

Faço questão de indicar alguns personagens que, de certa forma, marcaram minha vida acadêmica. Não pretendo elencá-los em ordem de importância, até mesmo porque poderia cometer alguma injustiça, mas faço questão de começar pela minha família.

Dedico este trabalho especialmente a minha mãe, que desde sempre me apoiou em minhas decisões e que, infelizmente, neste momento, está do outro lado do mundo, mas mesmo da Austrália vai continuar a me incentivar em qualquer novo projeto que eu venha a inventar. Gostaria de agradecer ainda meu pai Paulo Vianna por todos os ensinamentos de vida, minha avó Ioio e meus irmãos Juan, Pedro e Raquel.

Agradeço a Tai, por toda compreensão e incentivo, principalmente, nos fins de semana e por ter acreditado em mim mais que eu em alguns momentos. És a melhor mulher do mundo.

Agradeço aos grandes amigos/irmãos Guilherme, Amaral, Zé, Rodrigo, Guga, Marcão e Jaquinha por todos os momentos dentro e fora das salas de aula e pelo aprendizado que vivemos juntos.

Agradeço a Cecília por tudo.

Agradeço a todas as turmas que fiz parte, mais especificamente as turmas 2001.2, 2002.1 e, principalmente, a turma 2002.2 que me acolheu e que me ajudou em muitos seminários e provas. Faço questão de agradecer também a Patrícia pelas facilidades que me proporcionou (facilidades em provas, aulas particulares, Xerox de cadernos, ajuda em seminários e trabalhos em geral).

Agradeço ao meu orientador Leandro que me salvou quando eu já havia perdido as esperanças e que “confiou” no meu potencial, mesmo tendo confessado mais tarde que não esperava muito. Fico feliz por ter surpreendido-o positivamente.

Gostaria de agradecer meu arquiinimigo Jaime Gonzalo Cofre Cofre que, mesmo sendo meu maior empecilho dentro da Faculdade, acabou se tornando um exemplo para mim (do que não deve ser feito).

Por fim, agradeço o Pink Floyd, Bob Marley e todos os outros gênios da musica que me acompanharam o tempo todo. Existe ainda algo maior que me acompanhou desde o começo do Curso e que foi meu combustível nas madrugadas dedicadas a escrever este trabalho, algo que costumo chamar de sorte ou fé. A todos vocês meu MUITO OBRIGADO!

## RESUMO

Cartilhas são materiais conhecidos por seu caráter informativo, mas também possuem um caráter pedagógico muito bem representado pelas varias estratégias diferentes pelas quais tentam passar essas informações. Por definição, cartilhas, são materiais que costumam instituir a verdade, trazendo algo que deve ser seguido, o que acaba normatizando alguns conceitos e hábitos. As cartilhas educativas distribuídas nos centro de saúde que abordam a sexualidade são componentes da nossa cultura e podem ser estudadas a partir dos Estudos Culturais sendo tomadas como pedagogias culturais. Suas páginas trazem uma rica fonte de análise, não só do conteúdo da cartilha em si, mas também sobre vários aspectos de sua estrutura como a capa, o texto e as imagens, além de outras características. Analisar as cartilhas que tratam da sexualidade é um exercício que pode ajudar na elaboração de novos materiais, além de trazer a tona algumas características da nossa cultura que estão envolvidas com a formação da identidade sexual dos membros da sociedade.

**Palavras- chave:** Estudos culturais, sexualidade, cartilhas.

## **1. Trajetórias de um professor que se viu pesquisador.**

Desde criança, sempre me “preocupe” com o que eu iria fazer quando me tornasse mais velho, ficava imaginando em que profissão eu iria trabalhar. No entanto, ao terminar o ensino médio, percebi que poderia tomar uma decisão importante para o meu futuro e, mesmo assim, não tinha certeza sobre que Curso escolher dentro de tantos oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Optei por cursar Ciências Biológicas, pois tinha certa afinidade pela área. Hoje, após longos sete anos, posso dizer que foi pelo senso de igualdade que a envolve. Característica esta, que pelo menos a meu ver, deveria ser inerente a todo biólogo, ao se colocar como semelhante a qualquer outro ser vivo, tendo uma visão ampliada de como funcionam os sistemas vivos dos quais fazemos parte.

Já no começo do Curso eu tentava vislumbrar qual seria a área da Biologia na qual eu pretendia me especializar, sendo que a Zoologia e a Microbiologia eram as que mais me fascinavam naquele momento inaugural da minha formação. Entre tantas dúvidas, uma das poucas certezas que eu tinha era que nunca seria professor. A profissão não me parecia muito atraente, talvez por quase sempre ouvir que o salário é muito baixo e que a carreira de professor não tem o reconhecimento que deveria.

Durante a terceira fase do Curso, em 2003, comecei a lecionar na rede estadual de ensino dando aula na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, no bairro Agrônômica, onde atendia turmas de 5º e 6º séries do ensino fundamental. E também na Escola de Ensino Médio Presidente Castelo Branco, localizada no bairro da Armação, onde era responsável por três turmas de 1º ano do ensino médio. A primeira ficava ao pé

do morro na área do “Morro do 25” e do “Morro da Cruz” e atendia a crianças dessas comunidades e de outras regiões de Florianópolis. A maioria dos estudantes da escola tinha uma vida muito humilde e as turmas eram constituídas por muitas crianças de diferentes faixas etárias, indicando um alto índice de reprovação. Inevitavelmente, fui me envolvendo com meus alunos e conhecendo uma visão de mundo diferente da minha. Algumas conversas com os alunos me revelavam serem eles pessoas com um discurso pessimista e sem esperança, ao mesmo tempo em que, ao repará-los em momentos mais espontâneos, percebia como estavam sempre prontos para brincar.

Comecei a dar aula para o ensino médio na escola localizada na Armação, que era freqüentada por moradores da comunidade, entre eles, filhos de pescadores. O período que passei nessa escola me marcou bastante porque foi lá que descobri minha preferência por trabalhar com adolescentes a trabalhar com crianças. Em princípio, dar aulas seria para me garantir um suporte financeiro enquanto fazia faculdade e tentava encontrar um caminho para crescer profissionalmente em uma carreira bem distante das salas de aula escolares. Entretanto, aos poucos fui percebendo que as tarefas dentro de uma sala de aula eram relativamente “fáceis” de serem realizadas por mim e que trabalhar com crianças e adolescentes era estimulante e, muitas vezes, até divertido. Acho que fiquei mais tranquilo em relação a seguir a carreira de professor quando me dei conta que ser um educador também é uma das responsabilidades do biólogo, e assim, foi lecionando que, pela primeira vez, comecei a me ver atuando como biólogo.

Durante o curso, mesmo gostando de dar aula, eu ia tentando conhecer a rotina de pesquisador em várias áreas diferentes e trabalhei, respectivamente, em laboratórios



de botânica, bioquímica, zoologia de poliquetas<sup>1</sup> e de insetos. Em todos os laboratórios por onde passei, o trabalho a ser feito era muito parecido: permanecer frente a uma lupa (microscópio estereoscópico) triando algum tipo de material coletado, como algas ou poliquetas. Não existia uma norma, mas, invariavelmente, o trabalho era feito em silêncio, até mesmo porque as tarefas exigiam concentração, principalmente na identificação dos grupos. Eu sentia falta de uma atividade mais dinâmica, tanto que fiquei muito pouco tempo em cada um dos estágios que fiz, pois não conseguia me habituar à rotina e, em pouco tempo, a mesmice das práticas laboratoriais tornava minhas tarefas muito entediantes. Respeitava e entendia a importância do trabalho dos meus colegas estagiários, mas não conseguia me sentir à vontade como muitos deles pareciam ficar quando faziam o mesmo que eu.

As fases do Curso iam passando e eu ainda não tinha escolhido um tema para desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e foi estudando os poliquetas no Laboratório de Fauna Bentônica Marinha, laboratório que estagiei por mais tempo, que comecei a fazer meu projeto para o estágio I. O projeto, intitulado “BIOMONITORAMENTO DO SETOR URBANO DA BAÍA NORTE, MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ, SC, ATRAVÉS DA ANÁLISE DA MACROFAUNA DE FUNDOS SUBLITORAIS INCONSOLIDADOS”, consistia em fazer um levantamento da biodiversidade de poliquetas em diferentes locais da Baía Norte em Florianópolis, usando os animais como indicadores ecológicos. A fim de tornar o trabalho mais excitante, as coletas feitas no mar com o auxílio de um barco, eram esperadas ansiosamente por mim. No entanto, todas as vezes que tive a oportunidade de participar de uma coleta pelo laboratório, algum imprevisto acabava acontecendo e adiando a

---

<sup>1</sup> *Polychaeta* é uma classe de anelídeo que inclui cerca de 8.000 espécies de vermes aquático. O nome deriva do Grego *poly* + *chaeta* que significa muitas cerdas, numa referência às que lhes cobrem o corpo.

atividade. Como já citei anteriormente, a Zoologia sempre me interessou e, dessa forma, eu achava que concluiria a pesquisa sobre os poliquetas tranquilamente, mas apesar do objeto de estudo ser muito interessante, assim como nos outros lugares por onde passei, aquelas quatro paredes sufocantes do laboratório e o silêncio quando tinha que triar e identificar o material coletado não me davam vontade de voltar no dia seguinte. Como nessa época eu já estava totalmente envolvido com as aulas que ministrava e o andamento da minha pesquisa não parecia empolgante, fiz apenas o projeto da minha monografia e no semestre seguinte, afastei-me do laboratório em busca de alguma pesquisa que combinasse com meu trabalho, onde eu pudesse ter mais contato com as pessoas e sentisse algo parecido com que sentia enquanto educador.

Na faculdade, as disciplinas que me mais interessavam eram as pedagógicas da Licenciatura, pois durante as aulas eu me sentia verdadeiramente seguro para interagir e dividir minhas experiências. Instigava-me a idéia de usar meu trabalho como ferramenta para ajudar na construção do ser humano e, aos poucos, fui me aprofundando e procurando métodos que tornassem minhas aulas mais agradáveis para os alunos e eficazes no meu propósito de fazê-los aprender. Entre uma escola e outra, participei do programa de estágio “Sala de Ciências” do Serviço Social do Comércio (SESC) que desenvolvia projetos relacionados com várias disciplinas como Física, Matemática, Química e Biologia e durante um projeto desenvolvido no Instituto Estadual de Educação sobre “Educação e Orientação Sexual”, interessei-me muito pelos assuntos da Biologia relacionados com a sexualidade e pelo papel que a abordagem dessa temática pelo professor tem na construção da identidade das pessoas dentro da escola. Reflexão esta, que exige um olhar para como as identidades são construídas e o que contribui para essa construção.

Sobre a determinação dessas identidades, Sabat (2001) diz que identificamo-nos com diferentes categorias que se formam em torno do sexo, da raça/etnia e da sexualidade, por exemplo. A teoria social contemporânea tem discutido a identidade em termos culturais, o que significa dizer que sua *invenção* é compreendida a partir de uma perspectiva na qual importam momentos determinados histórica e culturalmente, que constituem identidades não definitivas, nem universais. Segundo os autores que tenho estudado no campo dos estudos culturais em educação, as identidades culturais são constituídas a partir das diferentes formas com que grupos sociais se reconhecem entre si. Pessoas não nascem com uma identidade pré-estabelecida, já que ela é entendida, na teorização que estou utilizando, como construída e ajustada constantemente através das nossas andanças pela cultura. Portanto, são fatores ligados à cultura que ajudam a compor nossa identidade sempre em construção.

Todas as características que acumulamos e que nos fazem ser diferentes de alguns grupos, ao mesmo tempo em que permitem nossa identificação com outros grupos, são usadas, por nós mesmos, para criar nossa identidade social, ou “quem somos nós”. As experiências que passamos nos tornam diferentes e se traduzem em posicionamentos que nos incluem ou excluem de grupos. As identidades têm a ver com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos (HALL, 2000). Silva (2000) diz que afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, distinções entre o que está dentro e o que está fora. Essa distinção entre os sujeitos, e que só aumenta à medida que a identidade vai se moldando, está ligada a sistemas de representação criados em relações de poder.

Todas as práticas de significação que produzem alguma representação envolvem relações de poder, incluindo aquelas que definem quem é incluído e quem é excluído (WOODWARD, 2000). Esse poder permite que o sujeito “defina” quem ele é e, principalmente, quem ele não é. No entanto, a identidade está em constante construção, é um processo jamais terminado e que não se constitui de um conceito único e bem definido. É a representação multifacetada de um sujeito continuamente comparado com a cultura que o criou. Hall (2000) coloca que o significado de identidade não é fixo, há uma fluidez nas identidades.

Uso as palavras de Hall (2000), quando trata do mesmo assunto, ao dizer que estes argumentos e reflexões demonstram sem sombra de dúvidas, que...

(...) a questão e a teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a “impossibilidade” da identidade, bem como a saturação do psíquico e do discursivo em sua contribuição, forem plena e inequivocamente reconhecidos (HALL, 2000, p. 121).

Como os papéis desempenhados pelas pessoas são decorrentes de todas suas vivências, dentro da escola essas vivências podem ser mediadas, estudadas e orientadas. A formação da identidade deve ser uma preocupação pedagógica, não só porque crianças e adolescentes passam bastante tempo dentro da escola, mas, sobretudo porque tentar entender e instruir as pessoas deve ser um agente norteador dentro da pedagogia.

Como professor de Biologia e Ciências, me interessavam principalmente as identidades de gênero e as identidades sexuais. A idéia de ser professor e de trabalhar com educação já não eram tão distantes e, devido ao meu trabalho no SESC, era constantemente chamado para palestrar ou ministrar aulas sobre a sexualidade humana.

Na maior parte das vezes, essas atividades, independente das dinâmicas usadas, tinham um momento em que as crianças e os adolescentes faziam perguntas sobre o corpo, esclareciam mitos que ouviam na rua ou tiravam dúvidas sobre o comportamento sexual humano. Comecei, então, a perceber a importância de alertar as pessoas, e mais ainda os jovens, sobre os assuntos ligados à sexualidade. Compreendi que o professor, principalmente de Ciências e Biologia, deve estar atento para tentar informar seus alunos sobre alguns assuntos que independem da cultura, pois devem ser passados como conhecimento. Falo de fatos científicos que tentam explicar a anatomia ou o funcionamento do corpo humano e que, aliados às questões culturais, podem contribuir positivamente para a vivência da sexualidade. Assim, é importante ter em mente que simplesmente passar a informação não basta, pois o comportamento sexual de cada indivíduo passa por várias ordens diferentes.

A sexualidade, segundo o dicionário da língua portuguesa Michaelis, pode ser definida como Qualidade de sexual; Conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem; Condição de ter sexo; Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual ou expressão do instinto sexual; atividade sexual”. Em minha opinião, nenhuma dessas definições reflete a sexualidade que se constrói com o passar dos anos de uma pessoa e que começa desde os primeiros momentos de vida. A construção dessa sexualidade está além de atividades morfofisiológicas e não necessariamente é uma atividade sexual, está envolvida com as relações sociais e interfere em pequenas decisões tomadas diariamente, decisões que não estão necessariamente ligadas de forma direta ao *sexo*.

(...) não podemos falar de sexualidade, mas sim de sexualidades. Não há mais como falar de um modelo binário de gênero, o feminino e o masculino depois de todas as mudanças sociais, culturais, corporais que percebemos em sujeitos de nossas

sociedades. Só não aceitamos tal afirmação se formos ignorantes (no sentido legítimo da palavra), hipócritas ou ainda preconceituosos (ROSA, 2007, p. 87).

As mudanças citadas transformaram nosso modo de ver as sexualidades, mas não podemos considerar hipócritas, ignorantes ou preconceituosos aqueles que não acompanharam essas mudanças ou simplesmente não concordam com as conseqüências que essas mudanças causaram. Deparo-me diariamente com pessoas que não compartilham a mesma opinião que eu nos mais diversos assuntos ou valores e nem por isso são consideradas hipócritas, ignorantes ou preconceituosas. Eu mesmo não me considero assim em relação a vários assuntos.

Em um determinado momento histórico, são construídas diferentes representações culturais sobre o mesmo signo e essas representações podem compartilhar das mesmas idéias ou então se opor criando idéias “rivais” (GUIMARÃES, 2006). A partir dessas idéias, considerava-me responsável por fornecer recursos técnicos, estudando e repassando informações, contribuindo para que crianças e adolescentes pudessem construir suas “sexualidades” com mais propriedade, tendo mais convicção naquelas pequenas decisões tomadas ao longo do dia.

Acredito que minha visível pouca idade e a linguagem usada por mim, mais próxima da linguagem falada entre os alunos e seus amigos, colaboravam para que eles se sentissem mais à vontade para falar abertamente sobre o tema. E assim, expor como a sexualidade é constantemente lembrada nas nossas vidas, nos grupos de amigos, na escola e em lugares que nem percebemos como anúncios e programas de televisão, cinema, música, revistas, jornais, desenhos animados ou em piadas e brincadeiras feitas a todo tempo em uma conversa informal. Dentro da escola, independente da minha vontade, os alunos têm no professor de Biologia uma referência neste tipo de assunto e,

pelas experiências que já tive, ele é comumente acionado quando os alunos ou até a própria escola estão com alguma dúvida ou curiosidade, o que não costuma acontecer com um professor de Matemática, por exemplo.

De acordo com minha revisão bibliográfica, há muitos estudos desenvolvidos com o objetivo de problematizar e discutir as formas como o conhecimento é passado para as pessoas. Sobre esses estudos que discorrem sobre os veículos do conhecimento, quero destacar a cartilha didática como ferramenta muito interessante para ser analisada. Li a monografia da estudante de Ciências Biológicas Mariana Mascarenhas (2003) sobre cartilhas que me chamou bastante atenção. Ela analisou três cartilhas que tratavam do tema lixo e aspectos como a linguagem usada, as imagens e a informação propriamente dita eram analisadas de forma a não julgar se estava certo ou errado, e sim destacar o que era dito e de que forma isso era feito.

Ainda em minhas práticas dentro de sala de aula, antes de ter lido essa monografia e sem ter me aprofundado no assunto, já havia usado cartilhas com meus alunos. Planejava aulas pedindo para que eles me trouxessem as cartilhas e os panfletos que achassem em diferentes lugares, como postos de saúde, farmácias e suas próprias casas, para que depois pudéssemos compará-las e discutir os resultados e conclusões uns com os outros. Também já havia proposto a construção, pelos próprios alunos, de um material informativo no formato de panfleto. Para desenvolver essas atividades, acabava guardando vários panfletos e cartilhas sobre assuntos ligados à Biologia que eu pudesse usar em minhas aulas e quando li o trabalho sobre análise de cartilhas da Mariana, resolvi reunir, em meu Trabalho de Conclusão do Curso, dois assuntos que me acompanham e que me interessam desde que comecei a dar aula, o tema sexualidade e as cartilhas produzidas sobre esse assunto.

Acredito que analisar a forma como o tema sexualidade é abordado nesse tipo de material pode ajudar a entender melhor as cartilhas, expondo as suas limitações e ressaltando suas qualidades. E assim, dar suporte para que professores, por exemplo, possam compor dinâmicas em sala de aula fazendo uma leitura de todo o seu conteúdo para, então, complementar alguns dados e até mesmo promover debates sobre a informação ali contida, além de promover discussões que passam da esfera biológica para as questões socioeconômicas.

Ter um olhar crítico sobre aquilo que estamos produzindo pode ser considerado um dos primeiros passos para a construção de novas cartilhas, mais atualizadas e completas, ou talvez, e até mais importante, traçar novas estratégias e testar outras ferramentas para o mesmo fim. De qualquer modo, estudos como esses colocam a sexualidade em evidência e servem de sustentação para narrar a cultura em nosso tempo, percebendo quais são as visões que as sociedades têm da sexualidade e como elas as registram.

O Governo Federal criou o Programa Nacional de doenças sexualmente transmissíveis e Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (PN-DST/AIDS) para comandar ações que reduzam a incidência do HIV/AIDS e melhorem a qualidade de vida das pessoas que vivem com a doença. Para isso, foram definidas diretrizes de melhoria da qualidade dos serviços públicos oferecidos às pessoas portadoras de AIDS e outras DST; de redução da transmissão vertical do HIV e da sífilis, de aumento da cobertura do diagnóstico e do tratamento das DST e da infecção pelo HIV; de aumento da cobertura das ações de prevenção em mulheres e populações com maior vulnerabilidade; da redução do estigma e da discriminação e da melhoria da gestão e da sustentabilidade. A Política de Prevenção, dentro do PN-DST/AIDS, diz que a



construção de políticas públicas de saúde para as doenças sexualmente transmissíveis exige constantes reflexões sobre os conceitos de prevenção, promoção à saúde, vulnerabilidade e direitos humanos.

A execução de uma política nacional de promoção à saúde tem como principais requisitos o delineamento de ações que favoreçam a adoção de comportamentos menos arriscados à saúde; diversificação e ampliação da oferta de serviços de assistência e de prevenção. Ações que promovam a participação e o controle social, a mobilização de instâncias executoras, legislativas e jurídicas, a mobilização da opinião pública e do público em geral e a disponibilização de insumos são meios para a implantação e sustentação dessa política. Mais ainda, as políticas públicas de saúde dirigidas ao tema DST/AIDS avaliam as características e a pertinência da epidemia da AIDS e outras patologias correlatas entre segmentos populacionais definidos segundo suas características de vulnerabilidade e risco para a epidemia. A partir destes argumentos, ressalto a relevância de estudos que determinam as feições essenciais e põe à vista a natureza das cartilhas sobre assuntos relacionados ao tema sexualidade para que haja novas percepções de como lidar com a sexualidade enquanto informação e para dar mais segurança às futuras tentativas de tratar do tema.

Ao ler algumas investigações situadas no campo dos estudos culturais, passei a ver que a sexualidade não deve ser tomada como algo “natural”. Ela é negociada na cultura a partir de relações desiguais de poder entre os gêneros. Foucault (1988) considera a sexualidade como dispositivo de poder fortemente impregnado por relações assimétricas entre homens e mulheres que faz aparecer de forma contundente as relações entre o biológico e o social. A partir desse entendimento, interessou-me saber se as cartilhas instituem um padrão de normalidade para as identidades sexuais, ou se

diferentes formas de se vivenciar os desejos corporais estão representadas nas mesmas. Minha hipótese, depois de já ter lido algumas delas com um olhar de professor de Biologia e não de pesquisador, é que algumas sexualidades estão silenciadas nas mesmas, tais como as relações entre pessoas de mesmo sexo biológico, as diferenças anatômicas existentes entre as pessoas ou a presença de diferentes grupos étnicos, por exemplo, e isso acaba restringindo as diferenças entre as sexualidades em diferenças entre os gêneros.

Lendo um conjunto de materiais analíticos no campo dos estudos culturais, também passei a atentar para alguns aspectos da própria forma de constituição das cartilhas. Qualquer pessoa pode se deparar com uma cartilha que trate do uso de preservativo, que fale sobre uma doença sexualmente transmissível (DST) ou de gravidez na adolescência, por exemplo. Fazendo uma rápida reflexão, podemos perceber que o mesmo material pode ser lido por qualquer outra pessoa de classe, faixa etária, gênero e posição social diferentes dos seus. Sendo assim, me pergunto de que forma a sexualidade é tratada neste tipo de material e quais informações elas contêm. Qual o teor e a importância das imagens ilustradas? Além das respostas para essas perguntas, informações como número de páginas, qualidade do papel e formato da cartilha podem ser relevantes para traçar um perfil das cartilhas produzidas atualmente. Outras reflexões podem ser feitas, não só relacionadas ao seu conteúdo, mas sobre a sua distribuição. Aparentemente, existe um mecanismo relacionado com fatores, como região e época do ano, que rege a distribuição de cartilhas e que explicarei melhor mais adiante. Para tanto, é preciso estabelecer uma linha de raciocínio embasada em dados que digam a quem essas cartilhas são endereçadas e que caminhos percorrem até ter contato com seu público alvo? Quais são o interesse e a intenção de produzir esse tipo

de material? E, finalmente, sobre quem cairia a responsabilidade de elaborar, produzir e distribuir as cartilhas que tratam do tema sexualidade?

A partir dessas questões, e inspirado pelos estudos culturais em educação, posso dizer que me vi, finalmente, como um pesquisador. Procurando encontrar as respostas para as minhas perguntas e interessado no meu objeto de estudo. As cartilhas deixaram de ser, para mim, somente ferramentas de ensino escolar para transformarem-se em artefatos em si mesmos pedagógicos. Artefatos capazes de influenciar a nossa cultura e a construção de identidades. Dessa forma, posso dizer que o objetivo central da minha pesquisa é compreender os modos pelos quais as identidades sexuais são narradas, instituídas e, portanto, ensinadas através de cartilhas oficiais distribuídas em postos públicos de saúde de Florianópolis.

Neste trabalho, todo o conteúdo foi organizado de forma sistematizada em cinco capítulos. Neste primeiro capítulo, que se encerra aqui, falei um pouco sobre minha história, contando fatos que contribuíram para direcionar minha carreira acadêmica. Ao mesmo tempo, fui consolidando e introduzindo conceitos, relacionados com a sexualidade e os estudos culturais, que serão importantes para o entendimento de questões posteriores, que surgirão quando as cartilhas forem analisadas efetivamente.

No segundo (e próximo) capítulo, irei estabelecer uma noção de pedagogia cultural falando sobre as ações pedagógicas da mídia que, ao oferecerem produtos para o entretenimento, estão forjando comportamentos, valores e atitudes de maneira sutil e eficaz. Também irei apresentar algumas pesquisas realizadas sobre sexualidade no campo dos estudos culturais em educação para embasar e sustentar minhas análises. Essas pesquisas não tratam do mesmo objeto de estudo que abordo aqui, mas servirão como comparação e modelo para minha proposta com as cartilhas.

O terceiro capítulo explica como construí a pesquisa desde o momento de coleta das cartilhas. Considero importante saber como este trabalho começou, para que o leitor entenda onde exatamente é iniciado o processo de análise. Antes de sentar e esmiuçar as cartilhas escolhidas e escrever o que foi observado foi necessário percorrer os locais onde essas cartilhas são entregues para fazer uma análise, um pouco mais subjetiva, sobre os critérios usados para elaborar e distribuir esses materiais.

Apenas no quarto capítulo coloco em evidência detalhes que muitas vezes passam despercebidos por muitos leitores. Detalhes esse que podem estar mascarados por textos ou imagens e que ajudam a traduzir o que vem sendo dito pela mídia em geral. No quarto capítulo, justifico a escolha das cartilhas analisadas e, parte a parte, vou analisando a linguagem usada para se dirigir ao leitor, as imagens selecionadas para representar o corpo humano ou os sintomas das doenças tratadas, entre outros componentes.

Faço um encerramento no quinto capítulo onde levanto algumas questões que me deparei no decorrer do trabalho. Ao buscar embasamento para poder falar das cartilhas com mais propriedade, enquanto as analisava e mesmo tendo meus objetivos bem definidos desde o começo, acabei percebendo que ao final de um trabalho como esse é possível que se tenha mais perguntas que respostas.

## **2. A importância das cartilhas**

A maioria dos estudos realizados no campo educacional esteve por muito tempo voltada para a instituição escolar. Hoje, entretanto, torna-se imprescindível voltar à atenção para outros espaços que também estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes como livros, internet e televisão, conhecidos genericamente por mídia. Ela comporta um tipo de pedagogia e de currículo culturais e estes, produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, produzem e reproduzem identidades e representações, sendo constituintes de certas relações de poder (SABAT, 2001). Os estudos sobre pedagogia cultural aparecem no campo da educação para explorar novas fontes de significados que ajudam a construir nossas culturas.

Nesse sentido, é possível considerar a mídia como parte de um conjunto de instâncias culturais que acabam funcionando como mecanismos de representação e ao mesmo tempo constituidores de identidades culturais. Na pesquisa desenvolvida por Dulac (2004) podemos ver em operação a noção de pedagogia cultural, quando ela analisa os modos como a sexualidade que circula na escola é representada em narrativas produzidos por professores. A autora recorre a entrevistas, reportagens e demais registros que interferem nas narrativas desses mesmos professores e entende os artefatos culturais da mídia como “pedagogias culturais” que estimulam reflexões nos sujeitos produzindo efeitos na constituição de suas identidades e nos modos de entenderem o mundo.

Sabat (2002) analisou desenhos animados e a relação que esse tipo de artefato tem com a construção de uma idéia hegemônica sobre a sexualidade, principalmente

relativa à dicotomia entre os gêneros. Esses desenhos participam, por exemplo, segundo a autora, da reiteração da heterossexualidade como norma social. Sabat (2002) lembra que há algum tempo a mídia vem construindo padrões de imagem e comportamento. Atualmente, estes padrões costumam guiar as pessoas a serem sujeitos heterossexuais e que devem constituir família através de uma união legal, preferencialmente, através de um casamento cristão. Geralmente, os sujeitos retratados nestes artefatos são jovens, bonitos e com corpos “perfeitos”, levando a criança e o adolescente a se preocupar com sua imagem corporal e “cedendo” à estética corporal atual, que privilegia o corpo esguio e esbelto (SERRA, 2003). Ao mesmo tempo, esses sujeitos constroem suas identidades de gênero à medida que são identificados social e historicamente como masculinos e femininos (LOURO 1997). Segundo a autora, falar de identidade implica sempre falar de diferença e, muitas vezes, o discurso nos artefatos culturais potencializa a idéia hegemônica de um gênero sobre outro, preestabelecendo características próprias de cada gênero de modo a forçar uma identidade definitiva.

Analisar as pedagogias culturais ligadas de forma direta ou indireta com a sexualidade possibilita a discussão das diferentes formas de relações entre sexualidade, gênero e educação. Esse tipo de análise também levantaria questões importantes como a forma que essas relações vêm sendo abordadas pela mídia impressa e de quais discursos a mídia impressa se utiliza para que as notícias ou reportagens que ela veicula tenham maior veracidade. Parte-se do pressuposto que tais discursos propõem-se a ensinar e determinar o que é normal, correto e eticamente aceitável nos modos de viver a sexualidade. Sendo assim, tais discursos compõem uma “pedagogia da sexualidade”, exercida em diversos lugares da sociedade contemporânea.

As idéias, conhecimentos, comportamento e atitudes de uma determinada sociedade são alguns dos fatores que caracterizam sua cultura. E cada vez mais esses fatores que compõem a cultura são influenciados pela mídia em geral. Veículos como a televisão e a internet tornaram a informação muito mais democratizada, rápida e acessível para uma parcela significativa da população mundial.

Com advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro da sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política está reordenando percepção de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade. (KELLNER, 2001, p.27)

Assim, enquanto a velocidade de transmissão da informação ia aumentando, os estudos sobre esses aspectos também iam. O meio de comunicação de massa que recebeu mais atenção para estes estudos é a Televisão, embora a literatura popular, a música e filmes também têm seu espaço. Esses veículos têm papel fundamental na determinação da cultura, ao mesmo tempo em que criam, como no caso da Televisão, uma “interação virtual” entre máquina e telespectador, onde o sujeito se coloca no lugar de escuta sem o direito a resposta sobre o que lhe é apresentado. Como aponta Colvara (2006), a TV é um veículo de difusão de ideologias, valores e interesses, constituindo-se em um instrumento de padronização cultural. Nem todos os artefatos culturais ou componentes da mídia podem ser taxados de forma tão diabólica como a Televisão é tratada em alguns trabalhos, mas, independente do veículo da mídia em questão, deve existir uma preocupação constante no efeito que os valores transmitidos podem causar.

Neste contexto, os Estudos Culturais se propõem a estudar e entender o espaço midiático, assim como outros artefatos considerados pedagogias culturais, tramando um

arcabouço teórico para outros estudos e, até mesmo, para a própria mídia. Para Colvara (2006), o que diferencia os Estudos Culturais das demais teorias é a recusa em definir a cultura de forma isolada de outras dimensões da vida social. Mesmo explorando as cartilhas como componentes da mídia e verificando a importância delas dentro dos estudos culturais, não posso esquecer que as cartilhas aqui analisadas tratam de sexualidade, outro assunto que merece ser esmiuçado.

Nos dois últimos séculos, a sexualidade tornou-se objeto privilegiado do olhar de cientistas, religiosos, psiquiatras, antropólogos, educadores, passando-se a constituir, efetivamente, numa “questão”. Com base nas mais diversas perspectivas, desde então, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada. Se, nos dias de hoje, ela continua alvo da vigilância e do controle, agora se ampliaram e diversificaram suas formas de regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe as normas, a definir-lhe os saberes e as práticas pertinentes, adequados ou infames (LOURO, 2004).

Mesmo nos dias de hoje podemos encontrar facilmente dúvidas a respeito da necessidade de uma orientação sexual na construção da identidade social. No entanto, depois de conviver com muitas pessoas que tiveram suas vidas modificadas por questões relacionadas à sexualidade, tenho certeza que entender o que acontece com o próprio corpo, assim como cuidá-lo e protegê-lo, é essencial para garantir uma boa qualidade de vida, conceito esse que envolve muitos fatores agregados que vão além da mera ausência de doenças. Com relação ao conceito de qualidade de vida, Rufino Netto (1994) diz: “vou considerar como qualidade de vida boa ou excelente aquela que ofereça um mínimo de condições para que os indivíduos nela inseridos possam desenvolver o máximo de suas potencialidades, sejam estas: viver, sentir ou amar,



trabalhar, produzindo bens e serviços, fazendo ciência ou artes” (p. 13). Falta o esforço de fazer da noção um conceito e torná-lo operativo. Sendo assim, ter argumentos quando o assunto é sexualidade, interfere em muitos âmbitos da sociedade.

É papel do educador e dos órgãos ligados à saúde, tornar a população consciente de sua responsabilidade, pois acredito que para termos resultados significativos, no que diz respeito à saúde e sexualidade, devemos partir do princípio de que todos tenham o mínimo de informação necessária. Essa informação, seja de ordem técnica ou apenas superficial, deve ser distribuída para que, durante a construção de suas identidades, a população tenha artifícios relacionados ao tema sexualidade e possam tomar decisões com mais serenidade. Certamente, tomar conhecimento sobre a sexualidade deveria ser algo feito desde as idades mais novas até a fase adulta, respeitando a capacidade e o potencial de entendimento para o assunto, já que todos estamos continuamente construindo nossa identidade. Neste momento, passo a me perguntar como alcançar o mínimo necessário de conhecimento que uma população deve ter; isso se realmente existir um mínimo. Essas dúvidas poderiam ser respondidas se perguntadas diretamente ao verdadeiro responsável por tornar o conhecimento produzido acessível para as pessoas, mas quem é o responsável por conscientizar a população?

Alguns conceitos poderiam começar a ser trabalhados em casa, mas o diálogo sobre sexo com os pais muitas vezes não é praticada nos lares. A dificuldade dos pais em falar de sexo com os filhos faz com que grande número de jovens adolescentes só acrescentem novas dúvidas às já existentes, podendo ter, às vezes, conflitos sexuais.

O sexo, parecendo assunto proibido, faz com que os jovens assimilem informações conceituais erradas do ponto de vista biológico, seja através dos colegas, seja através de outros meios disponíveis e assim, acabam acumulando mais dúvidas

ainda, às já existentes. É muito difícil, talvez até impossível, não ter dúvidas sobre sexualidade, ainda mais quando estamos falando de crianças e adolescentes, mas ficar omissos a isso pode trazer muitas consequências, como descreve Reis:

O que acontece afinal? Acumulam respostas equivocadas dentro da família. As experiências sexuais são iniciadas sem o devido preparo, além de não terem o conhecimento de métodos anticoncepcionais eficientes, expondo os adolescentes a graves problemas, tais como gravidez indesejável e DST. (REIS, 2003)

Consigo ver esse trabalho de conscientização sendo aplicado pelo governo, por exemplo, e em vários âmbitos, começando pela própria escola que, como já mencionei anteriormente, tem no educador um veículo para instruir. No entanto, a abordagem da sexualidade pela escola não parece ser uma unanimidade. As instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família, outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres. Também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, o dormitório, a visita ou a consulta. “Nelas são solicitadas e implantadas as formas de uma sexualidade não conjugal, não heterossexual, não monogâmica” (FOUCAULT, 1999, p 46). No dia a dia vejo essa conscientização se estendendo por campanhas publicitárias que através de várias formas de material (informativos na televisão, jornal, revistas, rádio, panfletos e cartilhas) tenta levar a informação para dentro da família. Moreira (2003) complementa destacando a importância da família e da escola como as fontes primárias produtoras de sentido para as crianças, embora a televisão acabe colaborando nesse processo:

Parece-me inequívoco que os diversos meios de comunicação exercem hoje uma função pedagógica básica, a de socializar os indivíduos e de transmitir-lhes os códigos de funcionamento do mundo. Sem dúvida instituições como a família, a escola e a religião continuam sendo, em graus variados, as fontes primárias da educação e da formação moral das crianças. Mas a influência da mídia está presente também por meio delas. A televisão, por exemplo, ocupa uma fatia considerável do tempo das crianças, sobretudo em meios sociais carentes de fontes alternativas de ocupação e lazer. (MOREIRA, 2003, p. 1216)

Esse tipo de informação pode e deve ser distribuída das mais variadas formas, utilizando de artefatos culturais que sejam inseridos na realidade do público alvo. Os artefatos culturais no sentido de produções culturais - textos, registros, imagens, revistas, documentos, páginas da Internet, músicas, álbuns, o próprio cinema, entre outros - colocadas em determinadas culturas, podem ser determinantes na construção da coletividade, gerando muitas possibilidades de autoconhecimento. Os artefatos culturais, nas palavras de Silva (2005), são o “resultado de um processo de construção social” e constituem um “campo de lutas em torno da significação”, lutas essas que estabelecem significados. Como exemplo desses artefatos culturais, quero destacar os panfletos, materiais que, como explicarei, ajudam a construir da nossa cultura.

Panfletos podem ser muito eficientes na democratização da informação, pois o tamanho e o formato os tornam de fácil distribuição alcançando um número bastante grande de pessoas, no entanto isso pode trazer algumas desvantagens como o espaço reduzido. Com poucas páginas (às vezes apenas uma), devem conter o máximo de informação possível e isso pode causar uma simplificação do conteúdo, além de que muitas pessoas ao receberem um panfleto na rua ou em casa acabam amassando e descartando-o logo em seguida. Dessa forma, vejo os panfletos como ferramentas muito abrangentes, porém pouco eficazes, já que não conseguem o que se propõem: conscientizar a população. Cartilhas são mais incisivas nesse sentido, pois, devido ao

tamanho e o formato semelhante a um livro ou uma revista, conseguem falar de mais assuntos e de uma forma mais detalhada. Claro que tanto em panfletos como em cartilhas, independentemente do teor ou extensão do texto, podemos encontrar dados incorretos ou desatualizados, imagens pouco significativas ou aparência pouco convidativa.

### **3. A busca pelo objeto de estudo.**

Quando decidi, efetivamente, fazer meu trabalho sobre pedagogia cultural, tinha em mãos apenas alguns poucos panfletos que abordavam, em sua maioria, as DST e o uso de preservativo. Minhas fontes, apesar de pobres em quantidade, já eram suficientemente produtivas em informações, uma rápida analisada já revelava uma riqueza de detalhes e considerações que poderiam ser feitas. Seria, então, interessante se eu pudesse reunir um número maior de produções, pois assim eu poderia fazer alguns levantamentos prévios, como a disponibilidade e distribuição deste material, antes de analisar seus conteúdos.

O material usado neste trabalho, panfletos e cartilhas de orientação sobre a sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis, foi coletado de diferentes fontes. Em princípio, o material seria coletado em diferentes postos de saúde da rede municipal de Florianópolis, mas infelizmente esses lugares não oferecem diversificação de informação. A disponibilidade dos panfletos e cartilhas nos postos de saúde é bastante heterogênea, enquanto alguns lugares possuem os mais variados tipos de cartilhas sobre os mais variados assuntos, outros lugares não têm nenhuma opção, dessa forma, uma nova estratégia teve que ser traçada, buscar as cartilhas em outras fontes como hospitais, páginas da internet, fabricantes de medicamentos, ONGs, professores, diversos órgãos e profissionais ligados a saúde e também meu acervo pessoal.

Quando chegava a qualquer um dos lugares onde procurei por esse material, me apresentava e, após um breve resumo do meu trabalho, perguntava como conseguir o que procurava. Geralmente os funcionários me apontavam para o lugar onde costuma

ficar uma pilha de informativos e me deixavam a vontade para pegar o que quisesse. É espantoso como os informativos disponíveis não seguem, aparentemente, nenhum padrão, sendo bastante diferentes em relação à cor, tamanho, material ou assunto, por exemplo. Alguns panfletos se repetiam em mais de uma fonte, como por exemplo, um panfleto sobre tabagismo e uma cartilha sobre DST. Enquanto isso, alguns desses lugares não tinham nada para oferecer enquanto que alguns postos de saúde, como o localizado no bairro do Pantanal, demonstravam ter uma infinidade de informativos, alguns parecendo estar ali há um bom tempo.

Apesar de procurar apenas o que tivesse relação com a sexualidade, acabei pegando todo tipo de material relacionado à saúde, até mesmo para ter uma idéia do padrão de distribuição do material. Percebe-se uma distribuição sazonal de acordo com os hábitos, clima e período do ano e esta conclusão foi reforçada por alguns funcionários que diziam algo como “se viesses no carnaval, irias pegar um monte de coisa”. Historicamente o Ministério da Saúde promove o preservativo e seu uso durante o período de carnaval através de campanha de comunicação de massa e da distribuição extra de preservativos para o período de festas. Já existe até uma expectativa por parte da própria população em relação a esta ação. De todas as campanhas de massa promovidas pelo Ministério da Saúde durante o ano, a campanha de preservativos para o carnaval é definitivamente a mais lembrada pela população. Segundo o portal da AIDS dentro da página da internet do Ministério da Saúde

Ao longo de mais de 20 anos de epidemia, o Brasil foi um dos primeiros países do mundo a deixar de associar a AIDS à morte em suas campanhas. Ao contrário dessa tendência, no País a comunicação sobre a AIDS passou a privilegiar o respeito aos direitos humanos, a informação, a valorização da auto-estima e o incentivo ao uso do preservativo. Além desse diferencial no enfoque dado à doença, temas considerados tabus foram abordados nas campanhas de AIDS do Brasil: campanhas

voltadas para homens que fazem sexo com homens (2002), para mulheres adolescentes que não têm vergonha de comprar o preservativo (2003) e até uma campanha em que um homem conversa com o próprio pênis (1994). Todas elas foram consideradas polêmicas por sua ousadia.

Devido à fatores climáticos, como o frio, calor, estações chuvosas ou estiagens, que podem favorecer algumas doenças, além do carnaval, existem outras épocas do ano que praticamente obrigam a veiculação de campanhas publicitárias com informações ligadas à saúde que envolvem, inclusive, a distribuição de panfletos e cartilhas. Dependendo da estação do ano ou região do país que se está, pode-se facilmente assistir a comerciais sobre alcoolismo entre motoristas, outras DST diferentes da AIDS, proteção contra queimaduras do sol entre tantos outros. Existem ainda, fatores que não estão programados e que podem fomentar um movimento publicitário, como os casos de febre amarela que recentemente voltaram a preocupar a população ou os casos de Dengue no Rio de Janeiro. Situações como essas requerem atividades de emergência, aproveitando o que se fala nos jornais, e na mídia em geral, e esclarecendo o assunto para que a população tome as medidas preventivas necessárias e não entre em pânico.

Dessa forma, durante o período em que procurei as cartilhas e panfletos, me deparei com material que já estava defasado, pois tinha sido entregue ao posto há bastante tempo, mas também percebi que, independente do material encontrado, existe certa atualização e nenhum dos locais que me serviram como fonte apresentou produções muito antigas. Segundo um funcionário do posto de saúde do Pantanal, isso acontece, entre outros fatores, pois as pessoas estão sempre pegando os panfletos e por isso estes devem ser constantemente repostos e também porque eles próprios, os funcionários, são instruídos para distribuir e não “economizar” na entrega dos panfletos e cartilhas.

Com todas as cartilhas e panfletos em mãos, a quantidade de material a ser analisado era muito grande, além de serem muito diferentes sob vários aspectos, alguns com texto bem direto e rico em imagens, alguns extremamente bem elaborados e com riqueza de detalhes sobre as doenças que tratavam, outras com apelo de marketing lembrando campanhas publicitárias que querem vender seus produtos, até materiais com pouca informação e que parecem ter sido escritas para pessoas que já sabem sobre o que vão ler. A diversificação encontrada não foi exatamente uma surpresa, por já estar envolvido com panfletos e cartilhas, me acostumei a ver muitas diferenças em suas composições e não esperava encontrar nada muito padronizado.



#### 4. Explorando as cartilhas

Ao me deparar com tamanha diversidade entre todo o material que coletei, percebi que mesmo nos exemplares que tratavam especificamente de sexualidade existem muitas diferenças, tanto na aparência (cores, formatos e imagens) como no conteúdo, e acabei optando por apenas duas cartilhas para analisar, a cartilha intitulada “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” (Figura 1) – que chamarei de cartilha A - e a cartilha intitulada “Doenças sexualmente transmissíveis” (Figura 2) – que chamarei de cartilha B.

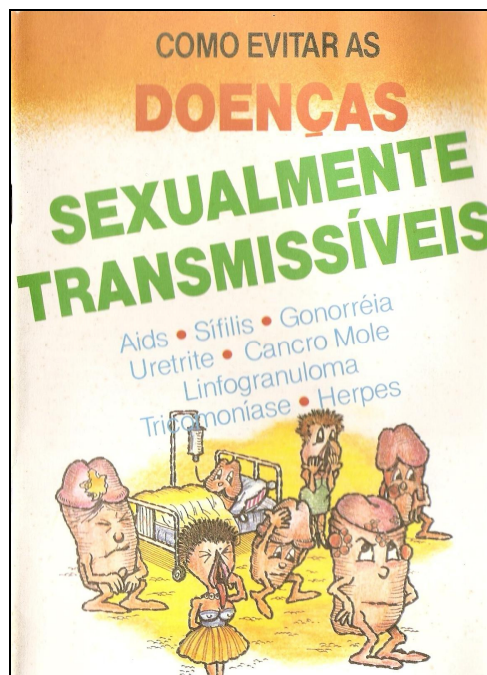


Figura 1: Capa da cartilha “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” - cartilha A

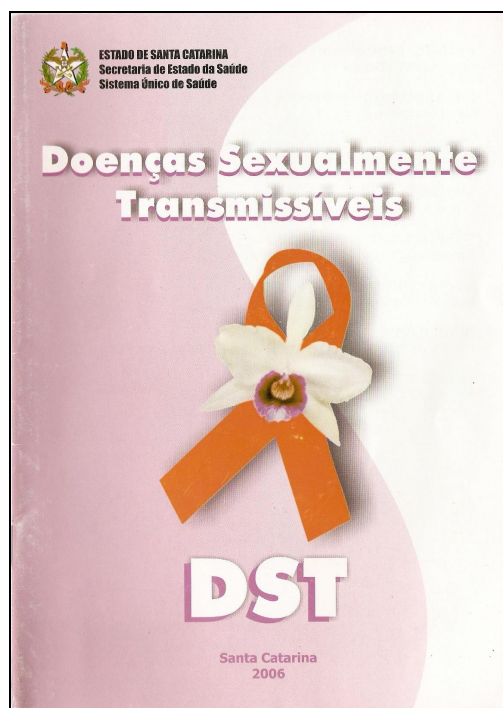


Figura 2: Capa da cartilha “Doenças sexualmente transmissíveis” - Cartilha B

A escolha destas duas cartilhas se deve à riqueza do material, tanto de caráter pedagógico, pois elas usam diferentes ferramentas para atingir seus leitores, como de caráter informativo, pela quantidade de instruções nelas contidas. As duas cartilhas possuem algumas características em comum como as dimensões (15 cm x 21 cm) e o número de páginas (20 e 24 páginas), mas são bastante diferentes em outros aspectos, a começar pelas próprias capas de apresentação, onde, em uma delas, tem-se muitas imagens e dizeres como o nome de todas as doenças abordadas em seu interior, e na outra uma capa mais clara e objetiva, anunciando os assuntos que serão tratados a seguir e os responsáveis pela sua elaboração.

A escolha dessas duas cartilhas não foi feita ao acaso. Eu as escolhi, pois eram as que traziam seus conteúdos em forma de cartilha, ou seja, com uma quantidade maior

de informações, reunidas e organizadas em um número maior de páginas, lembrando um pequeno livro, ao contrário da maioria dos outros materiais coletados que geralmente eram bastante sucintos e resumidos em poucas páginas.

A cartilha intitulada “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” (Figura 1) – cartilha A - trata a sexualidade com foco, principalmente, nas doenças e isso aparece já no próprio título. É assinada pelo Centro de Orientação e Apoio Sorológico e Centro de Testagem e Aconselhamento (COAS – CTA), pela Secretaria Municipal de Saúde e Desenvolvimento Social de Florianópolis e financiado pela Coordenação Nacional do Programa Nacional de DST e AIDS – 2006 (Figura 3). É feita de papel cartão e todo o texto da capa tem letras nas mesmas cores (laranja, amarelo, rosa) das ilustrações (cor de pele, mucosa, sangue) que seguem no seu interior, o que poderia sugerir uma economia com o material, mas apesar disso, as gravuras não parecem ter sido prejudicadas. As poucas cores presentes em toda a cartilha (aproximadamente cinco) parecem ser suficientes para as ilustrações que acompanham o texto em seu interior.



Figura 3: Verso da cartilha A

Logo nas suas primeiras páginas, a cartilha A se auto-intitula folheto “*O objetivo deste folheto é fazer com que você conheça melhor as doenças sexualmente transmissíveis...*”<sup>2</sup> (pg. 6), fato esse que me motivou a investigar a trajetória sócio-histórica percorrida pelas cartilhas e, assim, construir um conceito de cartilha com mais propriedade antes de analisá-las efetivamente. Lendo o trabalho de Mozdzenski (2006) sobre cartilhas jurídicas, onde o autor reuniu os principais fatores que contribuíram para a construção das cartilhas educativas atuais, pude ver que, historicamente, as cartilhas têm suas origens na ação catequética dos missionários, que as usavam como pequenas publicações, o que constituía uma forma bastante eficaz de ensinar aos povos colonizados as orações do cristianismo. Mais tarde o Brasil colonial conheceu um outro

---

<sup>2</sup> Toda vez que me referir a trechos de texto retirados das cartilhas, colocarei entre aspas usarei letras em itálico.

gênero bastante produtivo, que também sobrevive até os dias de hoje: as cartilhas de alfabetização que eram usadas através de palavras-chave e de sílabas geradoras, ou seja, aplicando o “bá-bé-bi-bó-bu”.

A partir de então, as cartilhas começaram a ser usadas em muitas áreas diferentes, como nas campanhas políticas, por exemplo, mas sempre com a idéia de transmitir o conhecimento elementar sobre o assunto que tratam. Neste trabalho, adotarei uma concepção de cartilha como a proposta por Mendonça (2004), que fala que as cartilhas são documentos “destinados a informar a população sobre direitos, deveres, formas de prevenção de doenças, acidentes, etc. Podem mesclar narrativas em quadrinhos e textos didáticos e/ou informativos podendo compor parte do material de campanhas publicitárias institucionais” (p. 98).

Uma cartilha costuma ser compreendida quase que como um “tratado” a respeito do assunto que se está abordando. Geralmente, as cartilhas são tomadas como referências a respeito dos temas discutidos em suas páginas. Desse modo, são lidas, imagino eu, como materiais muito confiáveis. Assim, como “herança” das cartilhas que eram produzidas para catequizar ou alfabetizar, as atuais cartilhas

assumem-se enquanto um gênero híbrido do discurso educacional, fundando-se então tanto na ideologia religiosa quanto na ideologia escolar, como uma obra de ensino tomada como um exemplo a seguir, [...] trazendo para a cartilha uma representação da verdade, uma certa credibilidade informativa com uma função normativa e reguladora de mostrar ao indivíduo como se deve agir diante das relações e ações sociais. (GOMES, 2003, p. 157)

Ou seja, para que as cartilhas consigam alcançar os seus objetivos (e os objetivos de seus criadores), as pessoas devem seguir, e sem questionar, as normas e orientações por elas estipuladas.

Mesmo com todos esses conceitos que as cartilhas carregam, acredito que as analisadas neste capítulo buscaram acercar-se de marcas de credibilidade, ou seja, mesmo que tenham uma linguagem “didática”, elas têm marcações que fazem o leitor se sentir confortável para acreditar no que é dito. Mozdzenski (2006) diz que tal como nas primeiras cartilhas que serviram de base para as cartilhas atuais, valores estereotipados e muito bem definidos socialmente são usados como um poderoso mecanismo de persuasão para conquistar a confiança do leitor. No caso de cartilhas que tratam de sexualidade, geralmente se verifica, nas páginas iniciais, a apresentação de assuntos considerados “íntimos” do leitor, como o prazer e o seu corpo.

O autor fala ainda que a utilização conjunta do texto verbal e não-verbal revelou-se um dos grandes instrumentos persuasivos nas cartilhas. Os produtores das primeiras cartilhas de campanhas políticas demonstravam um alto controle sobre a “argumentatividade visual” das cartilhas, utilizando palavra e imagem de forma bem-sucedida. Este tipo de marcação é invocado constantemente nas cartilhas que estão sendo aqui analisadas, hora mostrando figuras para ilustrar o que é dito no texto, hora quebrando a seriedade do assunto com personagens ou outras imagens descontraídas, como detalharei mais adiante.

Por tudo isso que venho argumentando, acredito que chamar uma cartilha de folheto mostra o aspecto ambíguo e deslizando que envolve essas produções. Elas desejam ser ao mesmo tempo “didáticas”, facilmente lidas e ter ampla circulação (seu

caráter de folheto), mas ao mesmo tempo elas desejam ser levadas a sério, ser lidas como fontes de verdades sobre os assuntos que tratam (seu caráter de cartilha).

A outra cartilha em análise – cartilha B - é assinada pela Gerência de Vigilância das DST/HIV/AIDS, Diretoria de Vigilância Epidemiológica (DIVE), Secretaria do Estado da Saúde, Sistema Único de Saúde (SUS) e Governo do estado de Santa Catarina. No que diz respeito ao enfoque, a cartilha B (Figura 4), assim como a cartilha A, já anuncia na própria capa que tratará das doenças sexualmente transmissíveis. Seu aspecto parece ser mais “limpo” e organizado, pois a capa traz poucas informações, apenas o brasão do estado de Santa Catarina, letras grandes dizendo “Doenças sexualmente transmissíveis”, a flor símbolo do estado de Santa Catarina<sup>3</sup> sobre o laço vermelho, que é visto como símbolo de solidariedade e de comprometimento na luta contra a AIDS, além do local e data da publicação. A capa é feita de papel couchet, material semelhante ao usado em revistas, diferente do papel usado no interior, semelhante ao papel sulfite.

---

<sup>3</sup> Em 13 de dezembro de 1983, o então Governador Esperidião Amin Helou Filho assinou o Decreto n. 20.829 que identifica o táxon *Laélia Purpurata* Lidley variedade *purpurata* como Flor Símbolo do Estado de Santa Catarina.

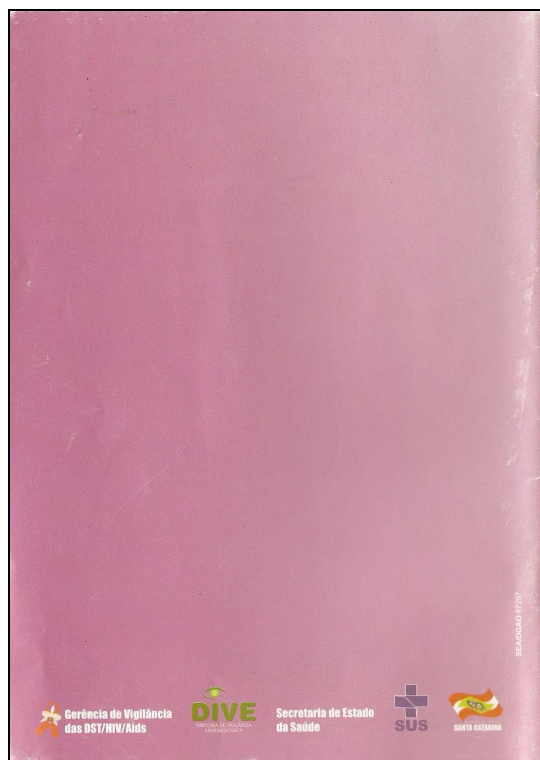


Figura 4: Verso da cartilha B

Penso que nas mãos do leitor, a cartilha B passe um pouco mais de credibilidade em relação à cartilha anterior, pois traz vários itens comumente encontrados em livros e revistas como ficha catalográfica, sumário, referências bibliográficas assim como créditos de colaboradores, autores e órgãos responsáveis na contracapa. Expor a fonte de pesquisa para sua elaboração traz algumas representações, além de enriquecer a cartilha do ponto de vista da credibilidade, possibilitando que o leitor busque se aprofundar no assunto. Estes símbolos carregam consigo um ar de seriedade que, assim como na maioria dos livros, fazem o leitor confiar em seus argumentos, afinal, eles foram retirados de “livros”. O símbolo do governo do estado e as assinaturas dos responsáveis também contribuem para fazer da cartilha B um documento mais confiável



quando comparado com a cartilha A, pois em caso de qualquer dúvida, existe alguém que pode responder pelo que está contido no material.

Em um trabalho referente aos componentes da mídia, Fischer enumera algumas marcas de credibilidade encontradas nestes componentes:

(...) a auto-referência (como fala de si mesmo; a repetição (imagens e estruturas que retornam, propiciando tranquilidade, prazer e identificação); o aval de especialistas; a informação didática; a opção por um vocabulário "facilitado", traduzido; o fato de ser denunciador dos problemas sociais e, igualmente, como fonte das soluções possíveis; (FISCHER, 2001, p. 6)

A autora ainda lembra que essa incorporação do discurso especializado pela mídia acaba por conferir a ela um poder de verdade e seriedade

Logo no sumário, bem como pode ser observado em toda esta cartilha, as doenças tratadas são agrupadas em tópicos que as organizam da seguinte forma: Corrimento uretral, corrimento vaginal, DST que causam úlceras genitais e AIDS. O texto é bastante semelhante ao da cartilha A, inclusive com trechos exatamente iguais. No entanto, enquanto na cartilha A, os dados sobre as doenças são simplesmente jogados para o leitor, na cartilha B, esses dados estão inseridos de uma forma contextualizada no texto tornando a leitura um pouco mais agradável. Em alguns casos são utilizados tópicos destacados (“como pega e como não pega AIDS”, por exemplo – Figura 7) e que não fazem parte do texto que se estende do começo ao fim. No tópico intitulado introdução, o leitor é chamado a se inteirar do assunto sexualidade com a promessa, pelo menos é o que diz no título, de que ali “*tem tudo que ele precisa saber sobre doenças transmitidas pelo sexo*”.



Figura 5: Tópico destacado “AIDS – ASSIM PEGA” – Cartilha B, p. 17

Nas páginas que seguem, assim como o que já havia sido observado nas imagens usadas para mostrar o corpo, as ilustrações que aparecem acompanhando o texto sobre as doenças foram visivelmente retiradas de várias fontes diferentes, não apresentando um padrão nos traços, nas cores e na qualidade da imagem. Ilustrações presentes na cartilha A - os genitais com feições humanas - são usadas aqui junto com outros esquemas e materiais, todos visivelmente retirados de campanhas diferentes.

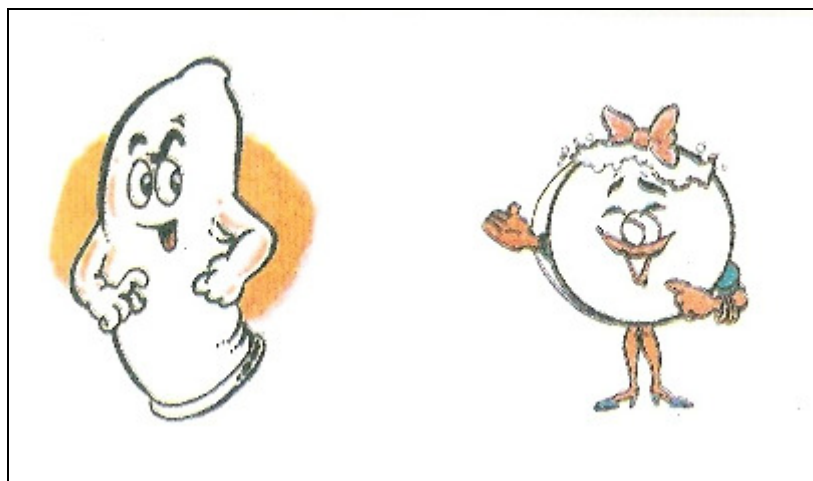


Figura 6: Cid Camisinha e Lili Espermaticida

Na cartilha A, ainda antes de entrar na descrição das doenças, são apresentados dois personagens (Figura 6), a “Lili Espermaticida” - uma embalagem de espermicida com rosto e membros humanos, inclusive com um laço no cabelo e pulseiras - e “Cid Camisinha” - um preservativo masculino com rosto e braços - que voltam a aparecer em toda a cartilha dando dicas e fazendo lembretes. Lili espermaticida e Cid camisinha aparecem sempre com uma aparência que sugere felicidade, disposição e perspicácia (Figura 7). Além de Cid e Lili, outros personagens são usados, mas para representar as doenças tratadas. São órgãos genitais, masculinos e femininos, mostrados também com feições humanas, com olhos, boca e nariz, além de braços e pernas. Esses mesmos personagens aparecem já na capa e voltam a aparecer nos resumos das doenças, sempre apresentando os sintomas, como feridas, corrimentos ou apenas abatimento e geralmente mostrando feições de dor, transtorno ou aborrecimento. A utilização destes personagens pode ser vista como um artifício usado não apenas para tornar a leitura da cartilha mais dinâmica e prazerosa, mas também é uma forma de estabelecer relações entre o leitor e suas vivências. Sendo assim, prepara as pessoas, e principalmente as

crianças, de forma intuitiva para a vida, descarrega as emoções e permite-nos comparar nossas vivências (CASTILHO, 2006).



Figura 7: Lembrete destacado do texto – Cartilha A, p. 19

Assim, é possível observar que as cartilhas atuais recorrem a inúmeras estratégias para compor seus textos, algumas delas já mencionadas neste trabalho, herdadas diretamente de seus “exemplares antecessores”, contribuindo para a construção de uma “realidade”: palavras “difíceis” que são explicadas posteriormente, sequência de pergunta-resposta, narrativas com diálogos, etc., isso tudo geralmente acompanhado de recursos visuais: histórias em quadrinhos, desenhos e caricaturas, gráficos, layout colorido, formatação tipográfica especial, etc. (MOZDZENSKI, 2006).

Ambos os materiais começam expondo seus conteúdos de uma forma prudente, introduzindo o assunto aos poucos. Devemos atentar ao fato de que eles foram coletados em centros de saúde e outros lugares onde são distribuídos indiscriminadamente, sendo

de fácil acesso para qualquer pessoa, e também lembrar que, por tratar de assuntos ligados à sexualidade, tema cujas certezas e incertezas se confundem nas cabeças das pessoas, é importante situar o leitor de forma branda, apresentando o terreno que está prestes a entrar e ter um certo cuidado com o vocabulário usado.

A forma como o texto da cartilha A é escrito mostra uma preocupação em atingir pessoas sem muito conhecimento na área, pois começa falando de conceitos mais gerais referentes à sexualidade, como os nossos sentidos e a busca pelo prazer, para afunilar nas questões centrais que, a meu ver, nas duas cartilhas, são as DST. O texto procura ser bastante claro, mostrando, já de início, seus objetivos:

*“Aqui nós vamos falar de doenças. Vamos falar das principais doenças que podem ser transmitidas através de relacionamentos com parceiros infectados. Para evitar estas doenças e mesmo para enfrentá-las, cada um precisa conhecer o seu próprio corpo e ter muita garra para viver com saúde!”.*

Apesar da clareza quanto aos objetivos que a cartilha pretende atingir, quero chamar atenção para outro aspecto que também está inserido no trecho acima, o modo como as DST são geralmente encaradas nestes tipos de material. Primeiramente, é interessante observar que cartilhas que tratam do tema sexualidade costumam tratá-lo

através das DST. Em minhas primeiras buscas pelos centros de saúde de Florianópolis, enquanto recolhia todos os tipos de cartilhas e panfletos sem me preocupar com seus assuntos, pude perceber que, com exceção de um guia para gestantes, todos os materiais que tratavam de sexualidade, “tinham como foco a reprodução – especialmente a indesejada e, portanto, as formas de evitá-la –” (MACEDO, 2005) e as doenças que são transmitidas através dela, ou seja, as políticas de manejo que acercam estes temas não o fazem de outra forma senão através da intimidação e do medo, levando o leitor a construir sua sexualidade pelo que não deve ser feito.

No trecho que destaquei anteriormente, a cartilha diz que é preciso garra para viver com saúde e evitar as DST, ou seja, o leitor deve se esforçar para que nada de errado ocorra quando estiver tendo uma relação sexual com quem deseja transar. Esse parece ser o meio pelo qual a maioria dos materiais que conheci trabalha a sexualidade. Parece ser descartada a hipótese de se promover uma maneira saudável de se lidar com a sexualidade, ressaltando os benefícios trazidos para a formação da qualidade de vida. Parece-me ser bastante claro que, em uma cartilha que traz na capa os dizeres “doenças sexualmente transmissíveis”, a descrição dessas doenças seja configurada como o foco central da cartilha, o que é questionável, é porque o outro com quem se transa é geralmente tratado como um risco eminente, um agente de contágio, um desencadeador de doença.

As cartilhas, eu penso, tendem a mostrar os riscos que uma relação sexual desprotegida pode trazer deixando para o leitor a autonomia de administrar esses riscos. O que Bauman (2008) fala sobre os riscos pode ser aplicado neste caso, quando diz que “são perigos que podemos (ou acreditamos poder) calcular: riscos são perigos calculáveis” e é justamente neste ponto que me questiono sobre a eficácia neste tipo de

abordagem. O autor completa dizendo que “com muita frequência mudar o foco de atenção (...) para os riscos se revela outro subterfúgio, uma tentativa de fugir do problema, e não um passaporte para a conduta segura”. Não tiro o crédito de iniciativas como essas (das cartilhas) de manter o leitor informado, mas acredito que existe uma carência de campanhas que celebrem a sexualidade das pessoas como algo essencial para suas vidas e que pode ser lidado de uma forma mais positiva.

Certamente, há quem diga que este tipo de abordagem é indiferente frente aos resultados que ela poderia trazer: pessoas tendo, cada vez mais, relações sexuais protegidas. O que na prática não se constata. Este mesmo tipo de estratégia para lidar com as DST é usado há muito tempo e nem por isso percebe-se uma redução considerável no número de infectados. Lembro de já ter observado essa mesma estratégia sendo usada em relação a outros assuntos, como por exemplo, a alimentação saudável, onde o que se costuma ressaltar em campanhas são as conseqüências de uma alimentação desregrada e, da mesma forma, o que se observa é um número cada vez maior de doenças ligadas a esses hábitos. Este assunto, o modo como as cartilhas tratam a sexualidade, não se encerra neste momento, voltarei a falar sobre a intimidação promovida pelas cartilhas que analisei, quando comentar as imagens usadas.

O conteúdo da cartilha B, como já mencionei anteriormente, parece passar mais credibilidade ao leitor. Isso pode ser percebido pelo seu início que contém uma carta de apresentação assinada pelo diretor de vigilância epidemiológica do estado explicando as causas e objetivos que levaram à construção da cartilha. A proposta do material fica bem clara no trecho que diz *”Esta cartilha (...) tem o objetivo de educar e informar de maneira simples, mais de forma objetiva, visando socializar as informações e contribuindo sobremaneira para melhorar a prevenção e a qualidade da atenção das*

*DST*”. A proposta talvez seja um pouco pretensiosa, mas acredito que, mesmo sabendo das limitações da cartilha, não existem objetivos diferentes dos que os citados pelos autores para fomentar a elaboração de um material como este. Após atentar para as páginas iniciais e introdutórias das cartilhas, passo a fazer em seguida, uma análise das imagens nas cartilhas.

#### **4.1. Apresentando os corpos**

As semelhanças entre as duas cartilhas vão além do formato, do número de folhas ou do teor dos textos de apresentação, a ordem de organização do conteúdo também parece ser a mesma para os dois materiais. Após apresentar seus objetivos e também introduzir o assunto que norteará as cartilhas, a sexualidade, o que aparece nas duas cartilhas são ilustrações que demonstram a preocupação de ambientar o leitor com o tema. Papel esse que começou a ser desempenhando nos textos iniciais das cartilhas que, antes de falar das doenças propriamente ditas, introduzem o leitor no tema que será abordado. Essa estratégia tem continuidade nas ilustrações que tentam se certificar que o leitor sabe onde ficam as estruturas do corpo que serão mostradas nas páginas que seguem.



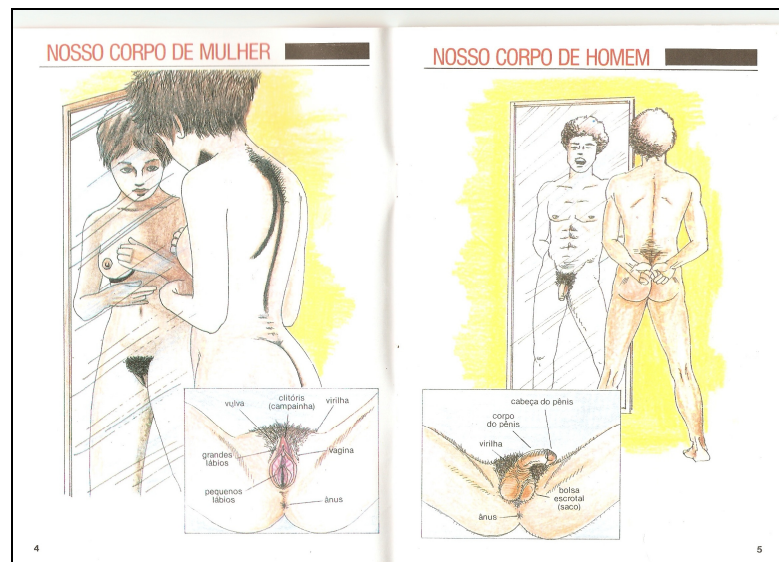


Figura 8: Páginas 3 e 4 da cartilha “Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis” - Cartilha A

Dessa forma, na cartilha A, nas duas páginas seguintes ao texto inicial, tem-se uma página mostrando um desenho do corpo feminino e outro desenho com detalhes dos genitais, a outra página tem um desenho mostrando a figura correspondente ao sexo masculino (Figura 8). Todas as ilustrações desta cartilha foram feitas à mão, sem o uso de fotografias ou arte gráfica e o que mais chama a atenção, e não só porque estou procurando ver os detalhes, mas por ser uma característica gritante nas figuras, é que as que representam o corpo inteiro, tanto masculino quanto feminino, parecem expressar emoções bastante distintas.

As imagens de corpo inteiro são representadas da mesma forma nos dois gêneros: uma pessoa de pele branca, com idade entre 20 e 30 anos aproximadamente, nua, se olhando no espelho. No entanto, ao mesmo tempo em que a ilustração mostra um momento de intimidade, onde se está, aparentemente, sozinho, a pose da mulher representa alguém tentando esconder o corpo, com postura prostrada, com as mãos na altura dos seios, ocultando um deles inclusive, e um semblante sério que poderia ser entendido com algum sentimento semelhante à vergonha. Já a imagem do homem

mostra alguém seguro de si, segurando as mãos nas costas e expondo o corpo sem demonstrar nenhum receio. O homem ainda tem a boca aberta, esboçando algo que pode ser interpretado como um sorriso. Há uma distinção no modo de instituir o papel do masculino e do feminino, associando certos modos de se expor o corpo, de se tocar, de se ver em frente ao espelho. Mesmo que esse pareça ser um momento íntimo, sem testemunhas (pois se presume que os personagens aqui em discussão estejam em um espaço de intimidade, de recolhimento, de solidão), o recato e a passividade aparecem vinculados ao feminino, enquanto a extroversão e a atividade aparecem associadas ao masculino.

Se a cartilha tenta mostrar algo elementar, que serve de exemplo, produzindo modos de ser, por exemplo, homem e/ou mulher; faz isso mostrando a mulher como um personagem com medo e vergonha de se olhar no espelho enquanto o homem parece ser alguém orgulhoso e satisfeito com a situação, como se, entre os dois, houvesse um vitorioso e uma derrotada. Esses detalhes podem até nem ser reconhecidos por qualquer pessoa que folheie o material, mas são produtos de um discurso que está sendo passado e que nos leva a alguns questionamentos sobre os papéis que o homem e a mulher representam nas sociedades.

Se invertermos os papéis, colocando o homem no lugar da mulher e vice-versa, é possível que tenhamos uma surpresa maior, pois imaginar o homem numa postura submissa e a mulher extremamente confiante parece ser algo mais estranho ainda. Se por um lado é possível imaginar a mulher segura de si e orgulhosa do próprio corpo, de modo que a imagem possa continuar sendo lida de modo “natural”, por outro lado, o que o leitor do sexo masculino pensaria ao se ver, na cartilha, com um olhar triste e com vergonha do próprio corpo? Na tentativa de “vender” determinada idéia ou produto, é

produzida uma pedagogia que “narra o sujeito como independente e livre para escolher, ao mesmo tempo em que opera com mecanismos de (auto) controle e de (auto) regulação, criando normas para as relações sociais e tornando-as reais através das imagens” (SABAT, 2001, p. 6).

Essa cartilha A volta a apresentar traços de distinção entre gêneros no decorrer do texto quando começa a falar das DST individualmente. Ao descrever o Linfgranuloma Venéreo, em um determinado momento diz que “... na mulher e em alguns homossexuais, os gânglios afetados podem ser aqueles que ficam em volta do reto...”. Reconheço ser uma análise profunda e detalhista, mas tal frase parece indicar que apenas homens podem ser homossexuais, enquanto o texto provavelmente queria se referir às pessoas que praticam sexo anal, forma como a cartilha B se refere quando trata do mesmo assunto. Dessa forma, podemos fazer algumas observações sobre como o homossexualismo é tratado no discurso das cartilhas. Mesmo não encontrando nada explícito na cartilha B, posso concluir que o assunto é silenciado em qualquer uma das cartilhas. É estranho que o público considerado grupo de risco por tanto tempo seja esquecido no discurso das cartilhas, sendo lembrados basicamente quando se fala de AIDS e apenas com uma ou duas frases. O que se vê são campanhas voltadas exclusivamente para os homossexuais e quando são feitas, costumam tratar do homossexual masculino.

Recentemente, em 2002, foi feita uma campanha que teve como meta principal estimular o uso freqüente do preservativo nas relações sexuais dos homens que fazem sexo com homens. Segundo o ofício emitido pela Coordenação Nacional de DST e AIDS, para atingir essa meta, a campanha visou contribuir para a diminuição do preconceito e da discriminação sofrida pelos homossexuais por parte de diferentes

setores da sociedade, como profissionais de saúde, educadores e familiares. As atitudes preconceituosas e discriminatórias podem ser causas relevantes para o pouco acesso dos homossexuais – principalmente aqueles de faixa etária mais jovem - às fontes de informações e aos serviços públicos de saúde, tornando-os assim muito mais vulneráveis à infecção pelo HIV e outras DST. Essa discriminação já começa na elaboração de materiais distintos para pessoas com opções sexuais diferentes, materiais esses que são produzidos pelo próprio governo. De qualquer forma, levando em consideração a importância do segmento homossexual na dinâmica da epidemia de HIV/AIDS, é importante que existam iniciativas que procurem aumentar a auto-estima e reduzir o preconceito a partir da promoção da aceitação das diferenças, promoção do uso do preservativo nas relações sexuais com estímulo da responsabilidade individual. É importante que essas iniciativas sejam acompanhadas pela disponibilização de materiais informativos que possam subsidiar intervenções educativas diretas com o público-alvo promovendo, então, a aceitação das diferenças e acolhimento humanizado, além do estímulo ao aconselhamento para uso do preservativo e ao diagnóstico precoce do HIV, a partir da sensibilização de profissionais de saúde e de educação.

Ainda em relação às páginas que trazem imagens sobre o corpo humano, junto às ilustrações de corpo inteiro, existem dois quadros menores, um representando a genitália masculina e outro representando a genitália feminina, em ilustrações explícitas, quase escatológicas, como se fossem fotos tiradas em close das genitálias de pessoas com as pernas abertas. A ilustração procura mostrar estruturas sexuais de forma anatômica, com setas apontando o nome das principais. Apesar de serem ilustrações, que podem ser vistas comumente em livros didáticos de Ciências e Biologia (Figura 9), respectivamente do Ensino Fundamental e Médio, apresentam falhas nítidas como setas

indicando a mesma estrutura, mas com nomes diferentes e estruturas nomeadas erradamente. Chama a atenção que ao mostrar o clitóris, a figura coloca entre parênteses, e logo abaixo da palavra clitóris, a palavra “campainha” como sendo um sinônimo para a estrutura anatômica da vulva. O mesmo acontece com a bolsa escrotal que traz a palavra “saco” entre parênteses. O uso deste termo pode demonstrar uma tentativa de aproximar o leitor ao texto e deixá-lo mais a vontade em sua leitura, trazendo elementos do seu vocabulário cotidiano para a cartilha. Esta tentativa acaba se destacando, pois tal atitude não volta a aparecer nas outras estruturas anatômicas das imagens e nem no decorrer da leitura da cartilha que usa sempre termos técnicos, como os encontrados nos livros didáticos de Ciências e de Biologia usados nas escolas.

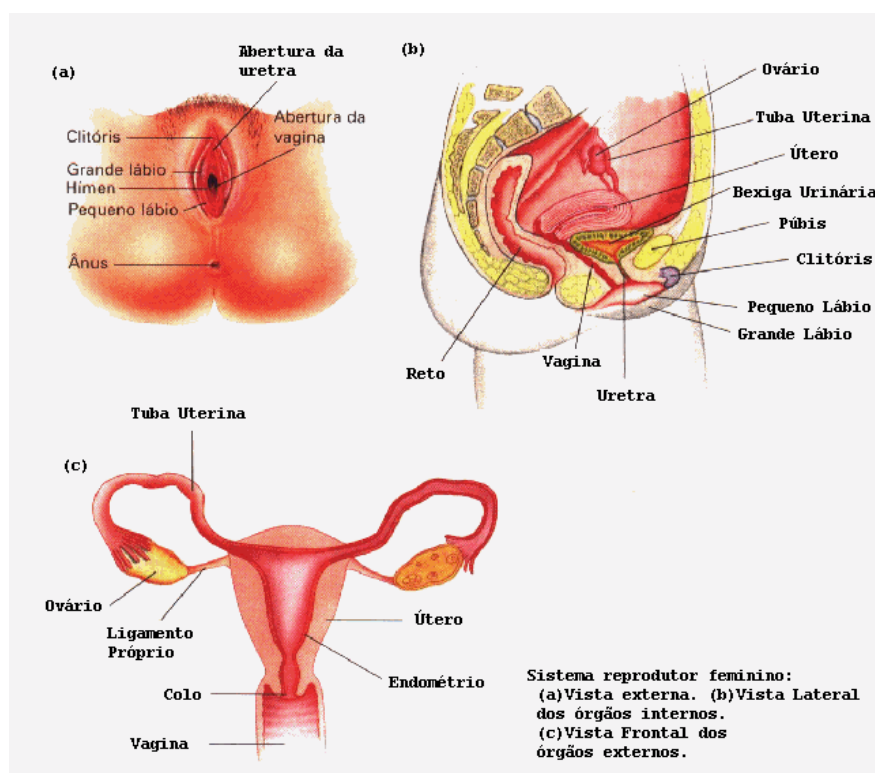


Figura 9: Exemplo de Figura usada em livros didáticos de Biologia – Retirado do livro “Biologia dos Organismos” (AMABIS, 2004)

É válido ressaltar também, que o termo “campainha” não costuma ser encontrado na literatura da área e talvez, como acontece comigo, nem soe íntimo para muitas pessoas. Podemos então considerar que houve a incorporação de um termo popular, de alguma determinada região brasileira, para especificar o que seria o clitóris. Ao tentar entender os signos das imagens, assim como Sabat (2001), de alguma forma tentei trabalhar também sobre os limites que separam a palavra e a imagem. Nesse caso, as próprias letras, as frases no papel, podem ser consideradas também imagens. “São signos, assim como outros elementos que estão ali, e, portanto, podem ser tomadas como significantes, embora numa relação mais distante, uma vez que a interpretação de uma palavra parece ter menos significados do que a interpretação de uma imagem” (SABAT, 2001 p. 5). Assim, imagino que a escolha das palavras deve ter uma preocupação com seus significados e com outros conceitos que elas podem carregar, levando em consideração, por exemplo, as diferentes interpretações que uma mesma palavra pode ter em um país de proporções continentais como o Brasil, inclusive considerando que uma palavra, em determinadas regiões, pode não ter um significado aparente. Dessa forma, passo a observar como esses mesmos corpos estão representados no meu outro objeto de estudo.

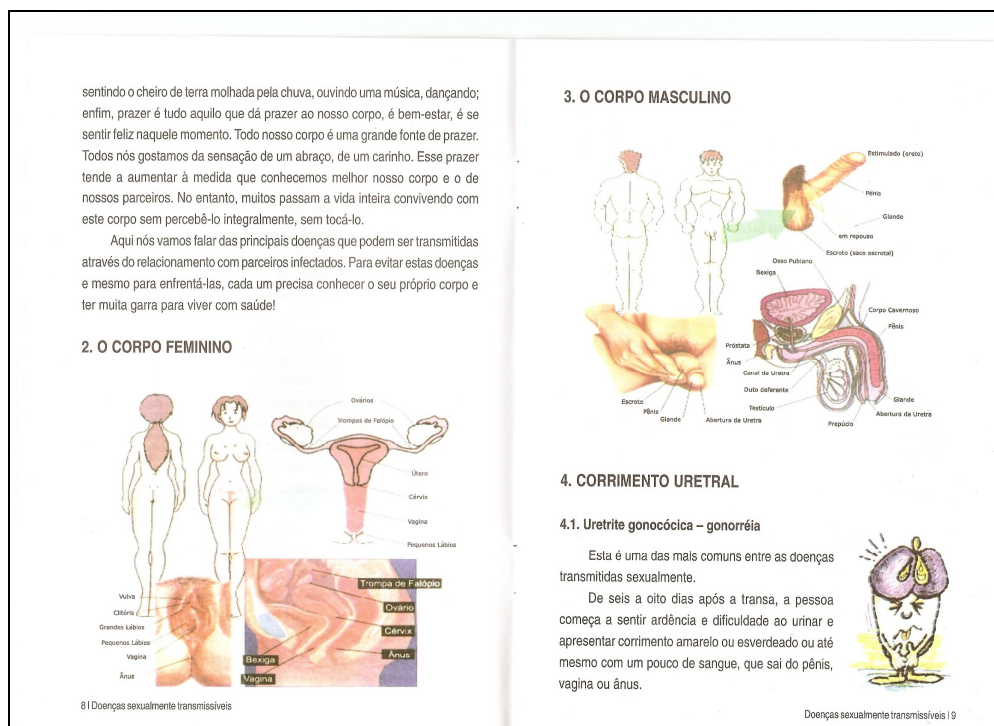


Figura 10: Páginas 3 e 4 da cartilha “Doenças sexualmente transmissíveis” (Cartilha B)

Na cartilha B, com uma organização das imagens bem semelhante à cartilha A, há ilustrações representando o corpo de ambos os gêneros, mostrando a anatomia do corpo masculino e feminino antes de começar a falar das doenças. Os desenhos mostram homens e mulheres de pele clara e nuas de frente e de costas, tendo também ilustrações detalhadas da parte externa e interna dos órgãos que fazem parte dos aparelhos reprodutores (Figura 10). Nas figuras que retratam o corpo feminino, têm-se cinco imagens diferentes: uma que mostra uma mulher de costas; uma com a mesma mulher de frente, com a região onde o aparelho reprodutor se encontra sombreada; existe também um esquema nomeando as principais estruturas do aparelho reprodutor feminino isoladamente; outro esquema parecido, mas mostrando as estruturas com um

corte sagital<sup>4</sup> e, por fim, uma ilustração da genitália em detalhe, mais uma vez nomeando as principais estruturas. O corpo masculino é representado pelo desenho de um homem de costas e outro de frente, há também um esquema mostrando as diferentes posições de um pênis até ficar ereto, existe ainda um desenho representando o aparelho reprodutor masculino em corte sagital e por fim outro desenho que mostra uma mão manipulando um pênis, sendo que estas três últimas imagens trazem setas apontando as principais estruturas exibidas.

Na cartilha B o que chama atenção não são as diferenças de humor entre o homem e a mulher, que observei na cartilha A, mas sim como o corpo é representado. É visível uma preferência pela representação dos corpos do homem e da mulher com figuras que se encaixam no padrão de corpo perfeito imposto pela mídia.

Hoje em dia não há praticamente um lugar, um dia de nossas vidas em que nós não somos chamados ou a cuidar de nosso corpo ou a olharmos para nossa própria sexualidade. Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como instrumento de tortura: corpos de tantos outros e outras nos são oferecidos como modelo para que operemos sobre nosso próprio corpo, para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos (FISCHER, 1999, p. 79).

Acredito que a maioria das pessoas concorda que algumas características de um corpo perfeito são sentidos comuns. Como exemplo dessas características, pode-se citar a ausência de gordura localizada, os músculos definidos e desenvolvidos. Essas duas características que acabei de citar são bons exemplos do que pode ser visualizado na

---

<sup>4</sup> Sagital é o corte anatômico que divide o corpo humano em metades esquerda e direita.



cartilha B, ou seja, corpos esguios, magros e fortes, assim como os corpos que nos deparamos diariamente em revistas, programas de TV e campanhas publicitárias.

Como já comentei anteriormente, as pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente e é dessa forma que sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante a vida inteira (BECKER, 1999). Inevitavelmente, durante esses processos, as necessidades de ordem social sobrepõem as necessidades individuais. Somos convidados o tempo todo a materializar, em nosso corpo, o corpo ideal estabelecido pela nossa cultura (TAVARES, 2003). A indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpos. Corpos que se percebem fora de medidas e que podem sentir-se cobrados e insatisfeitos. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes, faz com que uma parte de nossa sociedade busque continuamente uma aparência física idealizada. Honestamente, acredito ser irrelevante conhecer a origem das representações dos corpos usadas atualmente, até mesmo porque elas nem sempre foram iguais no decorrer da história, e provavelmente ainda se modificarão com o passar do tempo, mas penso que sob qualquer aspecto, o que se percebe é que há uma pedagogia, “um determinado tipo de currículo que se espelha em uma lista de procedimentos e técnicas construídos para produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente conectados com o tipo de sociedade” na qual estamos inseridos (SABAT, 2001, p. 20). É, sem dúvida, uma forma de regulação social que funciona no sentido de manter uma espécie de segregação de gênero e de sexualidade.

Fischer (2001, p. 42) comenta que “falar da imagem do outro é também falar da imagem do corpo do outro”. A autora destaca o chamado da mídia para que

transformemos o nosso corpo. Isso, não apenas através da exibição dos “corpos-modelo que deveríamos imitar para sermos amados e bem-sucedidos”, mas também nos conselhos dos especialistas – médicos, psicólogos, nutricionistas e professores – que entram em nossa vida para dizer “o que devemos fazer com o nosso corpo e nossa sexualidade”.

Após conhecer o corpo humano, folheando a cartilha A, o leitor verifica que a presença de corpos vistos da cabeça aos pés na cartilha é algo raro. A partir do momento em que o assunto passa a ser efetivamente as doenças, têm-se apenas retalhos de corpos. A imagem presente na explicação de cada doença é apenas uma genitália sem dono que apresenta o sintoma da doença em questão. A representação do corpo é novamente tratada como costuma ser nas salas de aula e nos livros de Ciências, é apenas um modelo padronizado, sempre com as mesmas cores, com as mesmas medidas e que, em muitos casos, difere daquilo que o leitor ou o aluno conhecem dos próprios corpos. A anatomia passa então a ser algo que foge do domínio público de tal maneira que nem parece estudar estruturas tão “próximas” de nós. Segundo Macedo (2005), as partes do corpo humano que conhecemos através dos livros, aparentemente, são manipuláveis apenas por cientistas e, mesmo assim, ainda parecem ser estruturas externas, inclusive, aos próprios cientistas.

A autora ainda lembra que, em geral, as representações feitas a respeito do corpo, retiram o caráter “orgânico” das estruturas e concedem a elas uma natureza plástica, como sendo algo manipulável. Existe um esquitejamento dos corpos e a valorização dos diversos órgãos que se destacam em carcaças, dificultando, a meu ver, o entendimento de crianças e adolescentes “cujos corpos são, supostamente, tornados compreensíveis pelo ensino da ciências” (MACEDO, 2005). Reconheço que, em certos

casos, quando se quer entender algo um pouco mais complexo do que estamos acostumados, é melhor fragmentar o objeto de estudo. Dividir o todo em partes menores e estudá-las parte a parte facilita a compreensão de algo maior. “Esta é a base das ciências naturais modernas” (MACEDO, 2005). O que estou levantando, baseado em referências teóricas, é que, ao se estudar o corpo humano dessa forma, a “concepção biologizada” do corpo poderia estar dificultando a criação de uma política de identidade, pois dificilmente alguém se vê nessas representações. E é justamente dessa forma, que as cartilhas sobre DST, em geral, montam suas concepções de corpo: mostrando genitais infectados.

Neste momento das cartilhas, quando o assunto são as DST, observa-se que o texto volta a conduzir o leitor de uma forma arbitrária, moralizando alguns costumes e ditando o que deve ou não deve ser feito. Volto a comentar sobre a intimidação e o medo que, como já disse anteriormente, está contido nas cartilhas. Cada uma das DST comentadas nas cartilhas possui um quadro clínico específico e se desenvolvem de formas distintas, sendo então, doenças bastante diferentes. No entanto, duas pessoas podem estar com doenças diferentes apresentando sintomas parecidos entre si ou, até mesmo, ter a mesma doença e, mesmo assim, apresentar manifestações muito diferentes em termos de sintomas. O que se observa na cartilha A é que praticamente em todas as doenças o que se tem nas ilustrações são fases terminais das doenças, passando a pior manifestação que a doença pode alcançar (Figura 11). Uma pessoa que estivesse em uma fase inicial de qualquer uma das doenças, talvez nem reconhecesse, na ilustração, o mesmo problema que o acomete. Nesse caso, assim como já comentei enquanto analisava os textos iniciais das cartilhas, pode-se pensar que as cartilhas poderiam estar

fazendo um papel de controlar enquanto informam as pessoas, mostrando geralmente imagens chocantes para intimidar o leitor.

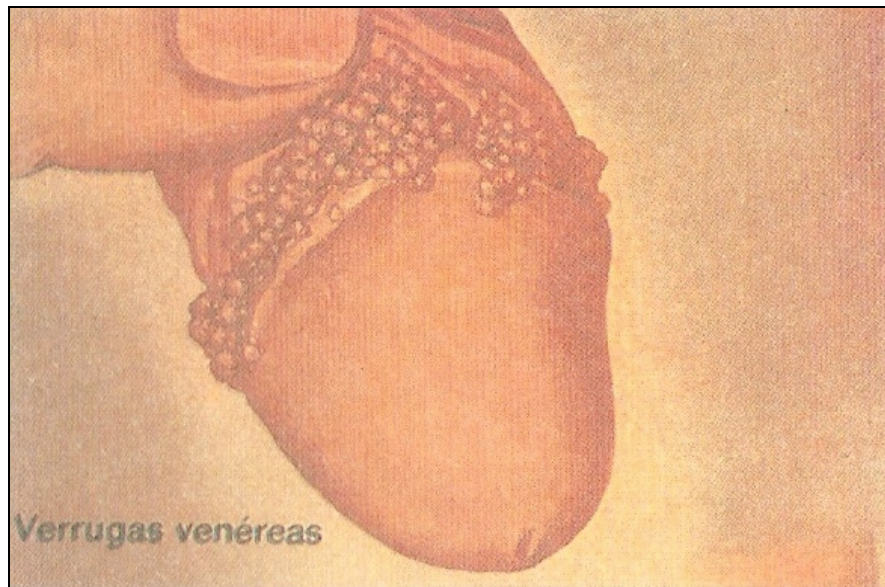


Figura 11: Imagem referente aos sintomas do Candiloma Acuminado – Cartilha A, p. 17

Essa estratégia não deixa de ser uma forma de controle, pois assim, o leitor, ao ler a cartilha poderia se sentir coagido a usar preservativo para não chegar aos estágios que são representados nas figuras. De fato, depois de tanto tempo vendo campanhas sobre as DST, creio que as imagens chocantes possam ser uma tentativa, talvez desesperada, de lutar contra os números de pesquisas que geralmente mostram resultados pouco animadores. Mas será que elas têm apenas a função de amedrontar a população, assim fazendo com que o uso de preservativos se torne cada vez mais comum? Penso que as cartilhas poderiam atuar em outras frentes sendo usadas, por exemplo, para que pessoas já atingidas por uma DST pudessem se instruir e buscar o melhor tratamento.

Uma pessoa que desconfia estar com uma DST e que recorre a uma cartilha, não só as cartilhas analisadas neste trabalho, mas na maioria das cartilhas, pode continuar confuso. Mesmo encontrando no texto, por diversas vezes, que sob qualquer suspeita deve procurar um médico, essa mensagem pode passar despercebida. Como falei anteriormente, as imagens são polissêmicas podendo ter diferentes interpretações e o leitor poderia, ao comparar seus sintomas com os ilustrados, pensar que não possui nada preocupante. As cartilhas, em geral, parecem se preocupar simplesmente com que novas pessoas não fiquem doentes, o que já se mostrou ineficaz. Para reduzir de forma efetiva parte dos problemas socioeconômicos causados pelas DST, deve existir um movimento que contemple toda a população, focando as pessoas consideradas mais suscetíveis, mas sem esquecer as pessoas já afetadas, por exemplo.

Por toda cartilha A, essas imagens acompanham uma série de resumos tratando de forma individual sobre AIDS, Sífilis, Gonorréia, Uretrites não Gonocócicas, Cancro Mole, Linfogranuloma Venéreo, Tricomoniase, Condiloma Acuminado, Candidíase e Herpes Genital, respectivamente. Cada doença representada é acompanhada de um texto que fala suas principais características, como é feito o contágio e o tratamento, entre outras informações, com uma linguagem semelhante à usada em livros didáticos, destacando alguns trechos, chamados de importantes, usando letras maiúsculas. A escolha dessas dez doenças pode ser facilmente explicada com uma rápida pesquisa em livros didáticos e páginas na internet, pois geralmente são essas dez doenças as mais lembradas como as DST mais comuns.

No final, traz um quadro resumo que pode ser usado para consultar cada doença, assim como seus sintomas, de forma prática e rápida. Em alguns casos, os sintomas são descritos de forma diferente da descrição nos resumos, de forma mais objetiva usando

poucas palavras, mas também há descrições exatamente iguais às dos resumos feitos anteriormente. Neste momento, no quadro de resumos, os sintomas iniciais que falei anteriormente recebem mais atenção e são acompanhados de avisos para que se procure um especialista no caso de suspeita. A cartilha é finalizada com alguns esclarecimentos, curiosidades e recomendações sobre as DST organizados em tópicos, sendo que o último tópico, que são as últimas palavras da cartilha A, diz: “Mostre essa cartilha aos seus parentes e amigos. Assim, você estará ajudando a combater as doenças sexualmente transmissíveis.”.

Na cartilha B, logo após a apresentação da anatomia humana, começa-se a falar efetivamente das doenças. As informações, segundo as referências bibliográficas, foram retiradas do manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis e das diretrizes para o controle de sífilis congênita/Ministério da Saúde. Ao contrário do que acontecia na cartilha “A”, onde todas as descrições das doenças eram acompanhadas por ilustrações que mostravam seus sintomas, nesta cartilha há gravuras apenas em algumas doenças, porém com as mesmas ilustrações já encontradas na cartilha A: órgãos sexuais com feições e membros humanos apresentando os sintomas da doença tratada. Certamente não há teor informativo nessas figuras, pois os sintomas não são desenhados tão detalhadamente como nas imagens da cartilha A e os sintomas não ficam muito bem definidos. Trata-se, certamente, de marcas de credibilidade, para assegurar o que é dito, neste caso, usando atributos lúdicos. Em minha opinião, ao optar pelo uso apenas dessas ilustrações, quem sai perdendo é o leitor, pois elas pouco poderiam ajudar alguém a identificar uma doença se não estiverem acompanhadas de ilustrações dos órgãos sexuais não personificados.

Entre “erros” e “acertos”, as cartilhas aqui analisadas vão construindo uma linguagem característica e que vem sendo repetida há um certo tempo. Lembro que as cartilhas que tive contato na minha infância, sobre vários aspectos, não eram muito diferentes das que analisei neste trabalho e, depois de ir a fundo no universo das cartilhas, pude perceber a importância que elas têm na formação dos sujeitos. Independente da época em que são produzidas, são materiais extremamente ricos para análise e que, certamente, ajudam a construir, ao mesmo tempo que são frutos, da cultura.

## **5. Conclusões e perspectivas**

Confesso ter ficado surpreso quando, ao final de um longo e exaustivo trabalho de análise, percebi que estava com mais questionamentos do que quando comecei a escrever as primeiras linhas do meu, até então, projeto. Apesar de ter respondido a maior parte dos objetivos que tracei no início, acredito estar finalizando este trabalho com idéias e dúvidas ainda mais ricas e instigantes que as iniciais. Foi inevitável me envolver e interessar por assuntos que já estavam presentes no meu dia-a-dia de professor de Biologia, e que acabei me aprofundando ainda mais para poder analisar as cartilhas com argumentos confiáveis.

Um pensamento que cresceu enquanto escrevia este trabalho é sobre como a sexualidade é vista e discutida nas cartilhas. Não pretendo apontar a direção correta pela qual todos deverão seguir ao tratar de sexualidade, mas defendo fortemente que exista uma análise constante sobre como o assunto é tratado. Reconhecer erros e acertos tem igual importância na criação de novas estratégias para lidar com a sexualidade e neste processo de reconhecimento, as pesquisas de análise podem trazer avanços de uma forma mais rápida.

Sobre a análise que fiz, gostaria de deixar claro que, em nenhum momento, tive o objetivo de desmerecer os autores das cartilhas. Reconheço ter ressaltado alguns pontos negativos, mas também destaquei muitas qualidades presentes nos materiais. Tratei-as não como objetivas e factuais, mas como produtos resultantes de interações reguladas por questões econômicas, sociais e culturais. Dessa forma, acredito que antes de culpar alguém pelo que é produzido pela mídia em geral, é preciso entender que a



mídia é reflexo daquilo que fazemos e pensamos. Além disso, como me propus desde o começo, não tenho o intuito de solucionar os problemas que destaquei durante minha análise, o que, acredito eu, não vá desmerecer os comentários que fiz. Trabalhos que ressaltam pontos importantes de produções que podem influenciar modos de ver o mundo são muito importantes para que possamos construir novas produções. Este exercício de analisar aquilo que é produto da nossa cultura pode ser realizado, por exemplo, nas escolas.

Mesmo antes de escrever meu TCC, como comentei no primeiro capítulo, já trabalhava com cartilhas e panfletos em sala de aula, no entanto, ao realizar este trabalho de análise com os alunos, sempre me preocupei em alertá-los sobre o que estava sendo dito ou sobre os erros em relação ao conteúdo que víamos em sala. Hoje posso dizer que despertei para uma nova forma de análise, que se preocupa em entender os modos pelos quais as identidades sexuais são narradas por essas publicações, além de atentar para a forma que elas traduzem nossa cultura através de imagens, por exemplo. Apesar da riqueza existente em cartilhas e panfletos, tive uma certa dificuldade para encontrar artigos a respeito. Da mesma forma, não me lembro de ter visto outros professores usando esse tipo de artefato cultural em suas aulas. Essas reflexões fizeram com que eu me questionasse porque esses materiais não frequentam o ambiente escolar. Diante de tudo isso, Fischer (2001, p.51) sugere que o educador deve “apropriar-se desse meio, estudar suas estratégias de endereçamento, de criação de imagens e sons, compreender a complexa trama de significações que aí estão em jogo”.

Cada vez mais, recomenda-se usar novas didáticas com a finalidade de auxiliar o entendimento dos alunos e, quando se utiliza novos artefatos culturais, geralmente são tecnologias que, em alguns casos, nem os próprios professores sabem manusear, como a

internet, por exemplo. É certo que a comunicação audiovisual não é mais um simples mecanismo informativo, não é mais um simples meio de comunicação onde se mostra o que aconteceu, mas sim é uma “instância da cultura que deseja oferecer muito mais que informação, lazer e entretenimento” (FISCHER, 2001, p.18). Penso então que, além de usar recursos cada vez mais modernos, o professor pode utilizar velhas ferramentas, que são produzidas há muito tempo e com uma ampla distribuição, para fazer reflexões que vão além do que está escrito nas cartilhas e passam por questões sociais e culturais.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z., 1925- Medo líquido / Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

COLVARA, L. F. - Por que usar os estudos culturais em pesquisas sobre TV?; UNirevista (UNISINOS. Online), UNISINOS, São Leopoldo/RS, v. 1, p.inicial 1, p.final 14, ISSN: 1809-4651

COLVARA, L.F. - Reflexões sobre a relação televisão e criança in: INTERCOM SUDESTE 2006 – XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2006. Ribeirão Preto, SP.

DULAC, E. B. F. - As narrativas sobre sexualidade que circulam na escola. In: VI Colóquio sobre Questões Curriculares - II Colóquio Luso-brasileiro sobre Questões Curriculares, 2004, Rio de Janeiro/RJ, 2004.

DULAC, E. B. F. - Sexualidade, gênero e educação – conteúdos da mídia impressa. In: IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2002. Anais do IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação.

FISCHER, R. M. B. - Televisão & Educação – fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, R. M. B. - The media pedagogical apparatus: ways of educating on (and through) TV. Educ. Pesqui. , São Paulo, v. 28, n. 1, 2002 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de junho de 2008. doi: 10.1590/S1517-97022002000100011

FOUCAULT, M. - História da Sexualidade. 1.A vontade de saber. Edições Grall Ltda. Rio de Janeiro :1999

GIFFIN, K. - Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. Cad Saúde Pública 2002; 18 Suppl:103-12.

GUIMARÃES, L. B. - A natureza na arena cultural. Á página da Educação, Portugal, p. 07 - 07, 01 abr. 2006

GOMES, M. C. A. - A prática sócio-institucional do licenciamento ambiental: a tensão entre os gêneros discursivos, discursos e vozes. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, S. - Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 103-133

LOURO, G. L. - Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 179p.

LOURO, G. L. - Um Corpo Estranho-Ensaio sobre sexualidade e teoria qüeer. Editora Autêntica. Belo Horizonte: 2004.

MACEDO, E. F. - Esse corpo das ciências é o meu?. In: Martha Marandino; Sandra Escovedo Selles; Marcia Serra Ferreira; Antono Carlos Rodrigues Amorim. (Org.). Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. 1 ed. Niterói: EdUFF, 2005, v. 1, p. 131-140.

MASCARENHAS, M. - A construção do lixo nas cartilhas de Educação Ambiental. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Suzani Cassiani.

MENDONÇA, M. R. de S. - Diz-me com que(m) andas e te direi quem és: a relação entre as histórias em quadrinhos e seus suportes. Anais do II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino. João Pessoa: Idéia, p. 1.273-1.283, 2004.

MOZDZENSKI, L. P. - A cartilha jurídica: aspectos sócio-históricos, discursivos e multimodais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2006.

REIS, C. - Sexo e Sexualidade: Algumas palavras. Disponível em :< [http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=sexo&id\\_mater=1667](http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=sexo&id_mater=1667) > Acessado em novembro, 2007.

ROSA, G. R. - As relações de gênero na filosofia: conhecendo vivências e narrativas de professoras de filosofia. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

RUFINO NETTO, A. 1994 - Qualidade de vida: compromisso histórico da epidemiologia, pp.11-18. In MFL Lima e Costa & RP Sousa (orgs.). Qualidade de Vida: Compromisso Histórico da Epidemiologia. Coopmed/ Abrasco, Belo Horizonte.

SABAT, R. - Filmes Infantis como máquinas de ensinar. In: 25a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2002, Caxambu (MG). Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, 2002. p. 235-252.

SABAT, R. - Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Revista Estudos Feministas, 2001, vol.9, n. 1, ISSN 0104-026X.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. - Health and media in construction of obesity and perfect body. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232003000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232003000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Jan 2008.

SILVA, T. T. - A Produção Social da Identidade e Diferença. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, K. - Identidade e Diferença: Uma Introdução teórica e Conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 07-71.

## **7. ANEXOS**